

P830



Passado o carnaval!...

ANNO  
VII

# A PILHERIA

NUM.  
230

RECIFE, 20 - FEVEREIRO - 1926

# isto



## -ou vá onde houver!

Se em qualquer casa não lhe poderem fornecer **BAYASPIRINA**, isto é, os legítimos comprimidos **BAYER** de Aspirina, vale bem a pena caminhar um pouco mais a procurar onde houver.

O producto legítimo é o unico que lhe inspira inteira confiança e que é approved desde muitos annos por ser absolutamente inoffensivo.

Para ficar seguro de adquirir a authentica **Bayaspirina**, verifique se existe na caixinha o **Sello de Garantia com a CRUZ BAYER**.

Este é o original e legítimo  
**ENVELOPPE BAYER**

Limpo

Conmodo

Hygienico

Seguro



Contem dois  
COMPRIMIDOS BAYER de ASPIRINA  
(BAYASPIRINA)

Não accete preparados avulsos ou "tão bons" quando desejar apenas uma dose! Peça um **Envelope Bayer**, certificando-se assim, de receber o producto legítimo, fresco, seguro.

**ATENÇÃO:** para ter absoluta garantia, peça **BAYASPIRINA** e evitará, assim, lamentaveis enganos.

# Pode um homem desaparecer?



*Um homem, que vimos entrar em uma casa e não saiu nem pelas portas nem pelas janellas, nem por logar algum, não é encontrado nessa casa. Que fim teve elle? Póde uma creatura humana desaparecer sem deixar sequer vestígios? Tal é o problema que se estabelece nesta angustiosa narração e cujo desenlace é tão inesperado como impressionador.*

Chamo-me Carlos Pleydell e sou agente de negocios. Minha clientela estendeu-se muito nestes ultimos tempos e posso considerar minha situação excellente.

Certa manhã, em fins de setembro do anno de 1897 recebi a seguinte carta:

"Dirijo-me ao senhor a conselho de nosso amigo commum, o general Cornwallis.

Eu e minha enteada encontramos-o a bordo do "Osprey", que nos trouxe á Inglaterra. Autorizada por essa apresentação conto procural-o pessoalmente ou mandar alguém por mim, hoje as onze horas. O general disse-me que o senhor poderia certamente dar-me um bom conselho sobre um caso que me interessa.

Hespanhola e residindo habitualmente no Brasil, nada conheço da Inglaterra nem dos costumes inglezes; e, como pretendo alugar uma casa nos arredores de Londres, preciso de suas indicações. Desejo uma casa cercada por algum terreno, com grande adegas ou subsolo bastante espaçoso, onde possa installar um laboratorio para emprender pesquisas scientificas.

Pagarei o que fôr preciso mas faço questão que a casa seja bastante proxima de Londres e com as condições acima mencionadas.

Sou, com estima sua serva.

*Stella Scaiffe."*

A carta estava datada do Carlton Hotel.

Ora, um dos meus clientes pediu-me mezes antes que lhe arranjas-se inquilinos para uma casa, que possuía em uma parte retirada de Hampstead Heath e que, em máo estado de conservação, tornara-se pouco habitavel. Nada podia convir mais á pretendente, que agora apparecia.

Estava eu ainda reflectindo sobre esse assumpto quando um de meus secretarios trouxe-me um cartão de visitas com este nome — Miss Muriel Scaiffe.

Pouco depois uma ingeza esbelta, com cabelleira luxuriante, entrava em meu gabinete.

—Venho da parte de mme. Scaiffe. Ella está um pouco fatigada... não póde vir. Creio que recebeu sua carta...

Perfeitamente, senhorita. Peço-lhe o favor de se sentar.

Sentou-se e eu observei-a attentamente. Era uma moça, bonita e a expressão de bondade, que havia em sua physionomia, tornava-a ainda mais encantadora.

E, a despeito de uma impressão de anciedade que não sabia dissimular, seu sorriso era infinitamente doce.

Uma casa isolada — Sua madras-ta deseja uma casa em condições especiaes — disse eu.

—Sim... condições em que faz absoluto empenho... E desejaria estar installada dentro de oito dias... Acha que isso seja possivel?

—Talvez. Conheço em Hampstead uma propriedade chamada "o Roseiral" que talvez lhe possa servir.

E combinamos para as tres horas do mesmo dia um encontro nessa casa.

A' hora marcada, quando cheguei ao Roseiral, já havia um carro detido diante da porta. Ao ver-me

chegar, uma mulher alta, com grandes olhos negros penetrantes, desceu desse carro.

Notei logo que a sua enteada não a acompanhava.

— E' o sr. Pleydell? — perguntou-me ella, com excellente pronuncia inglesa.

— Sim, senhora.

— Muito bem. Faça-me o favor de mostrar-me a casa.

Abri o portão e encontramos em uma vasta alameda. O Roseiral, deshabitado ha muito mezes, tinha um aspecto de abandono, que não devia tentar a visitante.

Entretanto a hespanhola parecia encantada.

Elogiava a alameda, as arvores, a casa, tudo...

Notou que os aposentos eram espaçosos, os corredores largos... e principalmente que as adegas eram enormes.

— Isto para mim é essencial — disse ella.

— Eu e meu irmão pretendemos estabelecer aqui um laboratorio... Ah! é verdade... Ainda não lhe falei do meu irmão, o sr. Morello, que deve chegar a Londres na proxima semana.

Nós fazemos experiencias de physica, experiencias de grande importancia. Viemos á Inglaterra para isso, porque aqui é um paiz de liberdade. Posso afirmar-lhe... — não me tome por visionaria ou pretenciosa... — posso afirmar-lhe que estamos em vespuras de fazer uma descoberta sensacional, uma coisa maravilhosa, que revolucionará o mundo. Esta casa é o que poderíamos desejar de melhor para nossos trabalhos. Quando poderei me installar aqui?

Fiz-lhe algumas perguntas; as respostas foram satisfactorias e voltei a Londres afim de preparar o contrato de arrendamento pelo qual o Roseiral seria entregue a mme. Scaiffe, por bom preço.

Passaram-se duas semanas e eu já quasi não me recordava desse negocio, quando um bello dia vi surgir em meu gabinete a formosa moça dos cabellos deslumbrantes.

Parecia presa da mais viva agitação...

Um pedido assustador — Preciso de fallar-lhe... mas a sós, absolutamente em particular... e immediatamente.

Fiz um signal a meu secretario para que passasse a outra sala e indiquei uma cadeira á linda visitante.

— Não — murmurou ella — disponho apenas de alguns minutos... Seguem-me a todos os instantes. Mas o senhor vae comprehender a importancia de meu acto, vindo aqui. O senhor conhece bem Oscar Digby, o grande explorador da Asia. Elle proprio me disse que era o seu melhor amigo... Foi por seu inter-

# Em busca da **Camisaria Especial**

onde tem a certeza de encontrar bolças para viagens, camizas, pyjames, roupas brancas, etc., etc., pelos menores preços.



**Rua Duque de Caxias, 235 — Phone 526**

medio... Digby é o mais nobre, o mais illustre deste seculo...

Deteve-se arquejante. Tinha os olhos cheios de lagrimas.

— Sim — disse eu — Digby é o meu melhor amigo. Onde está elle?

— Em viagem para a Inglaterra... Talvez mesmo já tenha desembarcado. Ora desde que elle puzer os pes em Londres, sua vida correrá grande perigo.

— Como? Porque?

— Não lhe posso dizer... não me atrevo. Mas o senhor, que é seu amigo, deve salvar-o.

— Salval-o de que?

— Não me posso explicar mais claramente. Só posso affirmar-lhe que a vida de Oscar Digby está em perigo. Seja como for, custe o que custar, mantenha-o longe de nós. Quando alugamos o Roseiral eu não imaginava que as coisas tivessem chegado a este ponto. Ignorava mesmo que o senhor Digby, estivesse para chegar a Londres. Mas... pelo que ouvi hontem... Oh! senhor... não posso dizer-lhe mais... Tenha piedade de mim e não me interrompa. Afaste Oscar Digby do Roseiral e se for possível não denuncie minha intervenção. Mas se não encontrar outro meio de vencer de que não deve ir á nossa casa, diga-lhe que fui eu, Muriel Scaiffe, que vein pedir-lhe... Tremia mais do que ao chegar. Enxugou a fronte orvalhada de

suor e accrescentou precipitadamente:

*Uma vida em perigo* — Tenho que me retirar. Se descobrissem que eu vim aqui, minha propria vida estaria em perigo.

Esta visita causou-me impressão profunda.

O famoso explorador Digby era meu companheiro de infancia e viveramos outr'ora em inteira intimidade. Depois elle ficára longe de Londres muitos annos; porem mui recordações emocionantes me as saltavam agora, á idéa de que ia tornar a vel-o. Quando, no dia seguinte, afinal, elle desembarcou e abraçou-me, todos os meus receios se dissiparam. Seu riso sonoro, seu olhar franco e leal, sua fronte enérgica tudo denunciava nelle uma saúde physica e moral capaz de desafiar todos os perigos.

— Meu caro — Preciso de ti

— Meu caro — disse-me elle logo. — Preciso de ti. Quero que me apresentes ao financeiro mais ousado e emprehendedor que conheceres. Posso fazer sua fortuna e mais a tua, a minha e a de mais dez ou doze pessoas.

— Como?

— Fiz uma descoberta extraordinaria e foi por isso que voltei a Inglaterra a toda pressa. Descobri na bacia do Amazonas uma região pouco explorada e maravilhosa, onde o ouro apparece em profusão a

flor do solo. Pelo exame dos especimens, feito por especialista, ha ali as jazidas mais opulentas do mundo. Isso é ainda segredo abso-luto mas vim a Londres para arranjar capitaes para a exploração dessa mina. Preciso de uns cinco a seis mil contos... O que é preciso é tratar do negocio com grandes reservas; se descobrem o que eu sei vae tudo pela agua abaixo.

*O segredo do mappa* — Mas qual é o segredo no caso? O logar da jazida?

— Pois claro.

— Mas não conseguirá capital sem revelalo aos especialistas. Naturalmente tens mappas, informações minuciosas...

— Naturalmente. Mas por enquanto não os mostrarei a pessoa alguma... Nem mesmo a ti, meu velho.

Não insisti mas observei.

— Como gente de negocios, não conheço, para o caso destes, homem mais indicado da que Horacie Lancasier. Se conseguires convence-lo com teus mappas e informações, elle é homem para constituir a companhia de que precisas. E' com elle que deves falar... Infelizmente está em Paris e não voltará antes de oito dias. Podemos esperar uma semana?

— Se não ha outro recurso?... De resto uns amigos meus, que viviam no Brasil, devem ter chegado aqui ha poucos dias. Uma senho-

# EROS!

## GUARDAE EM VOSSA MEMORIA...

### Vos deliciará...

### Brevemente

# CHAPÉOS

Os mais lindos modelos para Senhoras e Senhoritas

## *A Sympathia*



Tem a honra de communicar ás Ex.<sup>mas</sup> familias que, dispondo de eximias chapeleiras e de variado sortimento em artigos para chapéos, acha-se habilitada a satisfazer ao mais apurado gosto.

Acceitam-se encomendas

Sempre exposição de chapéos por preços sem confronto.

Fôrmas de todos os typos em palha de Tagal e Griset.

Antes de V. Exc. effectuar sua encomenda consulte os preços da

## **A SYMPATHIA**

Rua do Livramento 80 — Phone 634

ra ainda muito bonita com uma enteada ainda mais encantadora. Recebi uma carta de madame Scaiffe exactamente quando ia partir para Manãos; dizia-me ella que ia partir para Inglaterra e pediu-me que a procurasse em Londres, onde ella vinha se reunir a seu irmão, o sr. Morello, homem tambem muito distincto.

Guardel silencio por um instante, depois arrisquei-me

— Tenho razões serias para te dizer que não deves procurar esta gente. Tive sobre ella informações que...

*Aviso inutil* — Que?... Que queres dizer? perguntou elle com visivel surpresa.

— Queres que te fale com franqueza?... Foi a moça... Miss Muriel... quem me pediu que te impedisse de procural-os... E eu acho que deves seguir seu conselho pois estou certo de que ella o deu com profunda sinceridade.

A emoção de Digby, ouvindo estas palavras, foi tal que me deixou estupefacto.

— Ah! ah!... — murmurou elle passeando na sala de um lado para outro com agitação. — Ella te pediu isso? Que não procure mme. Scaiffe? nem seu irmão... Pobre Muriel!... Ouve meu caro Carlos. Eu devia ter começado por te dizer que estou apaixonado por ella... ainda não somos noivos mas eu amo-a e crejo que ella tambem.

— Pois ella está visivelmente alarmada, cheia de medo. Tudo isso me parece um pouco absurdo mas o facto é que ella suppõu acidentemente que te afastasse da sua madrastra, sob pena de correr grandes perigos... perigo de vida.

Digby ficou visivelmente contrariado mas tentou disfarçar a sua impressão. Retirou-se pouco depois prometendo voltar ao anoitecer.

*A obsessão de Digby* — Jantamos juntos. Elle não falava senão em seu descobrimento e como não fez a menor allusão á mme. Scaiffe comecei a esperar que elle não cairia nas mãos dessa mulher, que eu

começava a temer, pelo menos como aventureira.

Passaram-se tres ou quatro dias e Digby me appareceu com ar radiante.

— Victoria, meu amigo. A pobre

pequena recommendou-me tanto a tanto a tanto e descobriu-se por si mesma. A eterna consequencia das mulheres. Procurou-me no hotel em que estou alojado... e agora sei onde está morando mme. Scaiffe. Fica

# VERMIFUGO "BABY"

É O QUE  
VOCÊS PRECISAM  
PARA TER  
A SAUDE QUE  
EU TENHO!

Tomem á vontade  
porque não  
contenho

## OLEO DE RICINO

Enquanto vocês  
brincam com a boneca  
as LOMBRIGAS vão sahindo,  
porque não querem negocio  
commigo.

Eu sou o  
**VERMIFUGO  
"BABY"**

o maior amigo das crianças.

EM TODAS AS  
PHARMACIAS E DROGARIAS VOCÊS ME  
ENCONTRARÃO. MEU DEPOSITO É NA

RUA BARÃO DA VICTORIA — N. 269



# Tintas para tingir em casa — SUMIOR

Tinge todos os tecidos e em todas as cores.  
É a ultima palavra em tintas para tingir.

Exijam sempre a marca "Sumior" — Vende-se em toda parte

Unicos Agentes: **MARTINS PIRES & C.**

Rua do Livramento n. 110—1.º andar

sabendo que junto hoje no Roseiral e que mme. Scaiffe pediu-me que te convidasse também.

A recusar quando julguei ver diante de mim o rosto de Muriel convulsionado pelo terror como na tarde em que me viera pedir que salvasse meu amigo. Embora não comprehendesse bem as causas de seu medo resolvi ir com Digby.

Chegamos ao Roseiral entre as sete e oito da noite. Mme. Scaiffe recebeu-nos com um vestuário de esplendor quasi oriental. Diamantes soberbos scintillavam em sua cabelleira negra e em seu pescoço de uma natural belleza de linhas. Era sem duvida uma das mulheres mais seberanamente bellas que encontrei neste mundo...

A palida Muriel parecia bem insignificante ao lado daquelle esplendida creatura.

Quanto a Morello era digno de sua irmã. Um homem de belleza varonil incomparavel.

*Um ambiente singular* — Durante o jantar fomos servidos por criados hespanhoes e um negro, chamado Sansão que se manteve quasi sempre por trás da cadeira de mme. Scaiffe.

Esta muito excitada pelo champagne, falava constantemente no descobrimento de Digby.

— O senhor devia-nos mostrar o mappa — disse ella, de subito.

— Infelizmente isso não é possível — disse Digby, tomando um ar grave.

Ella não insistiu e passamos ao salão. Em caminho, de regresso para Londres, eu communiquei ao meu amigo que o sr. Lancasier devia chegar na proxima sexta-feira e já estava prevenido para nos conceder uma audiência.

No dia seguinte, que era uma terça-feira, não tive noticias de Digby; na quarta á noite, recebi em minha casa a seguinte carta:

"Não estou doida. Consegui que a cosinheira, a unica ingleza que mora nesta casa, se prestasse a pôr esta carta no correio. Peço-lhe pelo amor de Deus, que acredite no que lhe digo.

Digby não sabe que eu o procurei no seu hotel porque fui obrigada a isso. Agora eu estou, por assim dizer, presa em meu quarto. Para isso fazem-me passar por doente, mas de facto estou sequestrada, prisioneira. Digby juntou aqui hontem outra vez e, sobre a influencia de uma droga misturada a seu vinho, deu todas as informações sobre a suadescoberta, salvo o logar exacto. Deve ceifar aqui, á tarde, quinta-feira e trazer o famoso mappa. Se o fizer não sahirá vivo desta casa. Sei o que estou dizendo.

Não me trala, mas salve-o".

Não tive a sombra de uma duvida. Muriel não era uma doida. Sua

# Mercurio Colloidal Néo-sorosol

## Instituto Biotherapico de Bello Horizonte

Conselho tecnico: Drs. A. Godoy, A. Machado, Marques Lisboa e Carneiro Felipe

Director Gerente: — A. Libanio, Pharmaceutico Ismael Libanio

A illustrada classe medica tem no NEO-SOROSOL um novo producto mercurial que se recommenda particularmente por possuir vantagens reaes sobre todos os similares.

- O NEO-SOROSOL não contem analgesico e é absolutamente incolor;
- O NEO-SOROSOL é um composto de sulfureto de mercurio (S. Hg.) em estado colloidal de concentração até hoje não attingida e obtido por processo inteiramente original e patentado;
- O NEO-SOROSOL é um preparado cujo colloide se mantem absolutamente estavel, por isso nenhuma necessidade de ha de agitar as ampolas;
- O NEO-SOROSOL não se altera tendo sempre em qualquer tempo o mesmo valor therapeutico;
- O NEO-SOROSOL é de prompta assimilação e não produz nodulos.
- O NEO-SOROSOL é 10 vezes mais rico em mercurio do que qualquer dos preparados colloidaes congeneres, nacionaes ou estrangeiros;
- Pela sua forte concentração, sob forma de finissima granulação ultramicroscopica, gosa o NEO-SOROSOL sulfuro-mercurio de extraordinaria acção therapeutica no moderno tratamento da syphilis, em qualquer das suas manifestações.

Literatura e outras informações com os depositarios geraes para todo o Brasil

ISMAEL LIBANIO & COMPANHIA

## Pharmacia Americana e Drogaria

Endereço telegraphico — LIBANIO

Rua da Bahia, 928 — Tel. 74 — Bello Horisonte — Minas  
O NEO-SOROSOL é encontrado em todas as drogarias, farmacias e casas de cirurgia.

carta devia exprimir a verdade.

Era tarde, quasi meia noite mas não hesitei. Não havia um minuto a perder. Eu tinha boas relações servira na policia durante muitos annos. Corri immediatamente á sua casa. Sem preambulos relatei tudo quanto sabia e para justificar a minha narração mostrei-lhe a carta de Muriel. Elle ouviu-me sem me interromper e leu a carta sem fazer commentarios, dobrou-a e restitui-ma. Depois guardou silencio durante alguns segundos, que me pareciam interminaveis. Por fim disse:

— Preciso ainda algumas informações. Lancasier marcou uma audiência ao senhor e ao seu amigo em que dia?.. a que horas?..

*Se elle entrar ali, nunca mais sairá* — A's 11 horas, sexta-feira.

— Provavelmente mme. Scaiffe e seu irmão não ignoram esse facto.

— Provavelmente.

— Se Digby foi ao Roseiral amanhã é quasi certo que nunca falará a Lancaster... Estou também convencido de que se elle for áquella casa não sahirá de lá vivo.

— Então?

Deixe-me agir. Vou procurar immediatamente o inspector Frost. Dir-lhe-ei depois o que tivermos decidido.

No dia seguinte pela manhã fui procurar Digby no club onde elle almoçava. Pareceu contrariado ao ver-me e tratou-me seccamente.

— Que aspecto solenne é este, Pleydell? — disse elle. Trazes-me alguma noticia má?

— Não, mas, como obtive um dia de folga, lembrei-me de te vir convidar para irmos passal-o em Brighton. Voltaremos amanhã cedo, a tempo de ir á entrevista com Lancaster.

— Impossível. Tenho um convite para esta noite.

— Vaes ao Roseiral?.

— Sim.

— Entregaste teu segredo aos Scaiffe?

— Quem t'o disse? Como o sabes?

— Mas não o negas.

*Ella está em perigo irei* — Elle empallideceu fortemente. Depois fazendo um esforço para retomar o sangue frio, retorquiu:

— E porque negal-o? Lancaster não pode levar a mal que eu tenha tentado arranjar outros commanditarios. De resto — continuou elle com um riso um pouco forçado — eu gosto de fazer as coisas como me dá na telha. E agora, meu caro Carlos, até a vista. Encontrar-nos-he-mos amanhã, ás onze horas no escriptorio de Lancaster.

A' vista dessa attitude, não ousei insistir. Retirei-me. A's 5 horas da tarde, fui chamado por um telegramma do dr. Garland. O inspector Frost ali estava e disse-me que o inquerito a que procedera confirmava minhas suspeitas. Mme. Scaiffe e seu irmão eram creaturas das mais suspeitas.

— Agora ouça com attenção — disse-me o medico.

— O desenlace é para esta noite. Nós vamos com dez ou doze agentes de policia cercar o Roseiral para impedir que o senhor Digby ali entre. Se porem elle resistir, fa-

remos o possivel para ins'tir.

A's dez horas o dr. Garland e eu chegamos diante do Roseiral. O luar esplendido destacava nitidamente o grande edificio. Um homem saiu logo de entre as arvores e adiantou-se para nós era Frost.

— O senhor Digby ainda não

chegou — disse elle. Façam o possivel para detel-o. Em todo o caso affirmo-lhe que meus homens estão cercando completamente a casa.

Apenas elle acabou de pronunciar estas palavras um carro deteve-se

(Conclue nas ultimas paginas)



**ONEA**

Recoloração  
dos cabellos pela

**ONEA**

Novo producto  
sem nitrato  
de prata

DEPOSITARIOS:

Manuel & C.

R. B. DA VICTORIA  
N. 203

# Fabrica Favorita

J. Fragoso de Medeiros

Praça do Mercado ns. 123, 127 e 131 — RECIFE

Grande fabrica de bombons e caramelos movida  
a electricidade.

Especialidades em kiss-kiss e recheados de fructas.

Premiada com Medalha de Merito na Exposição  
Geral de Pernambuco em 1924.

# CAPILOTONICO

Uma "industria cearense" apreciada por "importante" diario da capital do mais culto Estado do Brasil.

"A RONDA", estimado matutino da capital paulista, dirigido pelo talentoso jornalista Annibal Machado, em seu n. 253 de 29 de novembro deste anno, noticiando o apparecimento do "CAPILLOTONICO" naquella cidade, preparado da fabricação dos adeantados industriaes cearenses que são os srs. J. Furtado & Cia., proprietarios da Pharmacia Universal, publicou o seguinte:

AS GRANDES DESCOBERTAS.

JÁ EXISTE, AFINAL, UM REMEDIO EFFICAZ CONTRA A CALVICE.

AS NOTAS CONSEGUIDAS PELA "A RONDA..."

Hontem, nos referimos ligeiramente ao preparado "CAPILLOTONICO", cuja descoberta está revolucionando os meios scientificos do Brasil.

Hoje daremos aos nossos leitores algumas informações deveras interessantes sobre o assumpto.

Os preparados para cabello tiveram sempre, em toda parte, grande procura, e isso tem feito a fortuna de muitos individuos espertos que, conhecendo o "frac" dos candidatos á calvice, a anciedade daquelles que desejam a todo custo salvar o melhor adorno que a natureza lhes deu, abarrotam o mercado com toda a sorte de "drogas" ás vezes até perigosas, quando não de effeitos nullos. A repetição frequente da mesma "cavação" indecorosa deu em resultado ficar o publico de prevenção contra os preparados para o cabello, mesmo doídos pelas pompas da mais ruidosa reclame.

Não está nesses casos "Capillotonico" que é um remedio efficaz em qualquer molestia do couro cabelludo, dando sempre resultados satisfactorios em todos os casos de queda do cabello, calvice, pellada, caspas, etc. — segundo estamos seguramente informados.

O "Capillotonico" é uma feliz combinação de plantas da flora do nordeste feita pelo dr. Amadeu Furtado, conhecido medico-clinico em Fortaleza e director do gabinete

medico legal do Estado do Ceará.

A invenção do "Capillotonico" tem alguma cousa de original. Sua descoberta não foi obra do acaso nem foi movida pelo interesse commercial, como acontece geralmente, mas o producto do esforgo e tenacidade de um medico jovem e solteiro, que se viu privado, durante mais de 2 annos, de todo cabello, barba, sobrancelhas etc., causando-lhe isso, como é natural, o maior desgosto e acabrunhamento, e que com esta descoberta voltou a possuir bella e opulenta cabelleira.

Depois, deste caso, o dr. Amadeu Furtado continuou a experimentar seu invento em multiplos e variados casos de affecções do couro cabelludo com os mesmos resultados tendo mesmo conseguido aperfeçoal-o. O "Capillotonico", é, portanto, um producto scientifico, inventado com o fim de beneficiar therapeuticamente seu auctor, que fez a experiencia com resultados assombrosos.

Seus fabricantes, os srs. J. Furtado & Cia., garantem que o cabelo nascerá toda vez que o bulho capillar ainda conserve vitalidade e se compromettem a tratar gratuitamente casos clinicos, interessantes de affecções de couro cabelludo.

Em nossa redacção, tivemos o grato prazer de receber a visita do dr. José Furtado Filho, irmão do autor da preciosa formula e tambem conceituado clinico em Fortaleza. E' além disso, socio da firma J. Furtado & Cia., sendo seus representantes em S. Paulo, os srs. Irmãos Castro & Cia. Ltd., da "A Nordestina".

O "Capillotonico" encontra-se já nas principaes drogarias e lojas de perfumarias. Deve ser experimentado por todas as pessoas interessadas. Não é preparado de "cavação": — é, de facto, remedio para cabello. Vimos attestados e photographias que nos CONVENCERAM do que, estamos affirmando.

"CAPILLOTONICO" tem como seu representante neste Estado o estimavel sr. Americo Santos, com escriptorio na Avenida Marquez de Olinda.

O "CAPILLOTONICO" está exposto á venda em todos os armazinhos e casa de primeira ordem.

RECIFE, 20 DE FEVEREIRO DE 1926.  
ALFREDO PORTO DA SILVA — DIRECTOR

Os tres dias tumultuosos da grande orgia carnavalesca... O povo veio ás ruas, ao ruido suggestivo das fanfarras, ao som das orquestras dos blocos, cahiu na saracoteio do frêvo, esquecido de tudo, da athmosphera de apprehensão creada pelos boateiros impenitentes, da crise financeira, e divertiu-se quanto poudo.

Os clubs de allegoria, os clubs pedestres de maior tradição, os blocos, todos vieram ás ruas dentro de um garbo entusiastico, ao som de orquestras afinadas, arrastando, cada um, o seu fornidavel sequito de admiradores, cahido de corpo e alma na loucura deliciosa do grande saracoteio.

O carnaval está na alma do povo pernambucano. E quando chegam os tres dias em que o "frêvo" culmina, a alma como que tambem desanda a saracoteiar e o povo cae todo na mesma ansia de alegria, enchendo as ruas, os cafés, os clubs, a rir, a dansar, a galhofar, esquecido dos rigores do resto da vida, alheio ás injunções alarantes do momento.

Isso já nos vale por uma felicidade ephemera, como toda a felicidade, de umas horas de alegria, de umas horas em que não se experimenta o tédio da continua melancholia

que nos persegue, nem a gente vê, nas outras phisionomias, o rictus de amargura que a fadiga das exhaustivas, das luctas inuteis, cava sempre, forçando á humanidade o sorriso convencional, frio, inexpressivo, grotesco, dos que não riem com a alma o riso sadio da verdadeira e franca alegria.

O Carnaval opera esse grande milagre. A musica, ruidosa ou sonora, o zabumbar das fanfarras ou a melodia dos chôros sacudidos dos blocos, em que vozes femininas, afinadas, cantam, alegres, chulas e chôros, cateretês e marchas, essa musica carnavalesca fala á alma, predispondo-a ao prazer, á folia.

E não é só a musica. Até o palhaço insulso, grosseirão e graçoleiro, que atira chufas á multidão, em esgares e arrengãos, faz rir.

E a multidão que se mescla, que se mistura, sem olhar convenções, nem linhagem, nem preconceitos, é uma nota da fraternidade, da alegre fraternidade em que o Carnaval ar-

remessa, sempre, a onda humana.

Ao lado do moço branco, fidalgo, que falla de Rousseau, nos salões, e cita Maeterlinck, em litteratura, e adora Pirandello, no theatro, e ama Puccini, na musica, e ri com sobriedade, o thorax erguido, á hora do galanteio fino, está o molequinho atrevido, de pelle crestada, boçal e fanfarrão, que tambem achou meios de envergar uma pyjama de seda e uma cartolinha carnavalesca, e enpoou os cabellos rijos, as faces bronzeadas, para dirigir, em calão, ás damas de alta sociedade, os ditos grosseiros que aprendeu no ambiente tanto ou quanto escuso em que sua vida se desenvolve.

Bemdito Carnaval! Bemdita alegria que vaes ao ponto de nivelar os homens até nos dominios pouco accessiveis da intelligencia!

Mas... passou o Carnaval.

Agora... a quaresma, a penitencia pelos excessos da grande loucura.

Ao menos, por nossa felicidade, que esse banho de alegria venha a servir para o resto do anno, para esse outro Carnaval estafante em que tudo se choca com iragor, desde os interesses mal disfarçados até a cretinice desmascarada de certos homens...

mos srs. agentes exclusivos neste Estado.

Os reclamos da conhecida e muito apreciada farinha de trigo de que a conceituada firma Miguel Izabella & Cia. é representante foram recebidos com toda a sympathia pelo nosso publico.

Somos gratos pela offerta.

Da importante "Fabrica de Papel de Jaboatão", da conceituada firma Dolabella & Portelia recebemos uma caixa das magnificas serpentinhas de seu fabrico as quaes tiveram de nossa parte o melhor acolhimento atirando-as sobre carros, blocos e clubs que passaram e visitaram nossa redacção.

Visitaram-nos ainda: Club 9 1/2 da Manhã com bem organizado cortejo de criticas; "Bloco Andaluzas" com boa orchestra e figurino apreciavel; bloco "Vae, mas custa", muito apreciavel; "Bloco Pyrilampos" com avultado acompanhamento, apreciavel orchestra e com figurino de effeito; club "Sui-neiros do Cordeiro" com lindo estandarte; club das "Pás" arrastando uma onda incalculavel de admiradores; club "Lenhadores" com enorme acompanhamento; club Farofias do Recife com bem confeccionado prestito de allegorias; bloco "Bôbos em folia" com boa orchestra e bons figurinos.

Ainda visitou-nos a graciosa pequena Ivette Fontes da Silva com linda phantasia de "Princesa do Arco-Iris".

Esteve em nossa redacção a troca "Urso em 92 3/4 e 1/2" cumprimentando-nos uma commissão composta dos srs. Manoel Soares, Arthur Tenorio da Silva e João José da Silva.

◆◆◆

\*\*\* Registou-se na ultima quarta-feira a data natalicia do exm. sr. dr. André Cavalcanti, presidente do Supremo Tribunal Federal. O venerando nataliciante que é pernambucano, deve ter sido muito cumprimentado.

\*\*\* Zilda, primogenita do sr. Jayme Moreira Dias e da sua digna consorte d. Walfrida Moreira Dias, fez annos na quarta-feira ultima, recebendo muitos desejos.

\*\*\* Fez annos quarta-feira o estimavel sr. Manoel Rodrigues Leite, agente do Correio de Santo Antonio.

\*\*\* A bordo do transatlantico "Flandria" chegou do Rio de Janeiro na quarta-feira ultima, o illustre dr. Luiz Mendes, redactor d'"O Paiz", e alto funcionario do Thesouro Nacional.

O dr. Luiz Mendes que é representante na metropole do "Journal do Recife" e desta revista, teve concorrido desembaque.

# Adeus Rugas!

3.000 dollars de premios se ellas não desaparecerem  
A mulher em toda a idade pode se rejuvenescer e se embelezar.  
—E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto.—  
e em pouco tempo.

## EXPERIMENTAI HOJE MESMO O "RUGOL"

Crème scientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelezta e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros crêmes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desaparecer as sardas, panos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA! — Mlle. Leguy, pagará mil dollars a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollars a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro, ganhas em diversas exposições, pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará mil dollars a quem provar que os seus attestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta, inumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso, prevenimos ao publico que não aceite substitutos, exigindo sempre

## RUGOL

Mme. Harry Vignier escreve:

"Meu marido, que, em sua qualidade de medico, é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso de RUGOL, e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio".

Mme. Souza Vallence escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeavam o rosto e depois de usar muitos crêmes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL, obtendo a desaparição não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam".

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS.

Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remeteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: ALVIM & FREITAS, RUA DO CARMO N. 11, SOB.—CAIXA 1.379—S. PAULO

COUPON — SRS. ALVIM & FREITAS, caixa 1.379 — S. Paulo:

Junto, remetto-lhes um vale postal da quantia de 15\$000, afim de que me seja enviado pelo correio um pote de RUGOL:

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

A "Pilhéria" — Recife.

"APROV. POR"  
"PE. DE PASSAGEM"



Decorreu relativamente frio o carnaval deste anno, em Recife, o qual não teve por isto mesmo o brilho que seria de desejar dada a ser uma festa que diz bem do espirito alegre e folgazão do nosso povo.

A cidade teve no primeiro dia um reduzido brinquedo de entrada vendo-se nas ruas blocos e clubs agitar as arterias.

No segundo dia o brilhantissimo prestito dos Dragões de Momo cortou as nossas ruas debaixo dos mais entusiasticos applausos. Os "Dragões" apresentaram um prestito que valeu por um triumpho. Carros lindissimos, de magnifica concepção, com um acabamento impecavel por mãos de artistas habéis e intelligentes os "Dragões de Momo" mereceram sem favor as palmas que a nossa população lhe tributou. Em nossa redacção esteve a directoria do prestigioso club composta dos drs. Hamilton Puppe, Carlos Affonso e Oscar Mello a qual nos trouxe os seus cumprimentos.

Neste mesmo dia exhibiu-se o querido bloco da Torre "Um Dia Só" o qual apresentou uma magnifica orchestra e lindas marchas. Visitou-nos, como victorioso em o nosso concurso, afim de receber a taça "A ympathia" que lhe coube como premio. Discursou o nosso director Porto, da Silveira fazendo entrega da taça. Respondeu pelo "Um Dia Só" o nosso confrade Rego Lima.

# Ecos do Carnaval de 1926

Na terça-feira teve lugar a entrega da "Taça Goodrich", instituida pela "Companhia Commercial e Maritima", por nosso intermedio, ao automovel que equipados com pneus "Goodrich" melhor ornamentado se apresentasse no curso.

Coube a victoria ao illustrado clinico dr. Gustavo Pinto que apresentou um lindo "Pagode japonês" estando s. s. e sua exma. familia vestidos em caracter.

A entrega da taça "Goodrich" revestiu-se de toda solennidade.

Falou o nosso director fazendo entrega da taça. Agradeceu o dr. Gustavo Pinto. Aos presentes foi servido licorea e cerveja.

Ainda terça-feira foi feita a entrega das taças "A Nova Magnolia" e "Fabrica Lafayette" a primeira ao bloco "Apois-Fum", glorioso bi-campeão do carnaval do Recife, por ter apresentado melhor orchestra e a segunda ao bloco "Batutas da Boa Vista" que apresentou melhor phantasia, se-

gundo "veredictum" da commissão julgadora.

A entrega desta taça teve um cunho de especial brilhantismo. O bloco "Batutas da Boa Vista" tinha como figuras de relevo no conjunto feminino as graciosas senhoritas Eglantina Albert, Christina Albert e Debora Borges.

Ao apreciado "Club Vassourinhas" fizemos no domingo a entrega de uma linda medalha de ouro, premio que lhe coube como o club mais apreciado do Recife, victorioso no nosso concurso.

Da "Casa Excelsior" recebemos lindas ventarolas que aquelle estabelecimento distribuia como reclame.

Foi muito apreciado o canhão de propaganda da "Aguardente Mulata" e da "Gazoa Mimi" de que são agentes os srs. Amorim Fernandes & Cia. o qual percorreu a cidade fazendo farta distribuição de ventarolas e pequenas amostras daquelles apreciados productos.

Um caminhão que foi bastante apreciado foi o apresentado pela conhecida "Camisaria Especial" estabelecimento, dos mais acreditados desta capital.

Offertado pelo sr. Carlos Herdeiro, operoso representante em viagem da "Companhia Cervejaria Antarctica", recebemos lindas ventarolas, reclame daquella acreditada fabrica.

O automovel reclame da "Fabrica Ascaridina" esteve em frente á nossa redacção offertando-nos reclames do "Amargo Digestivo" e do "Rouge Imperial" acreditados productos daquella fabrica e que são disputados pelo nosso publico.

Os estimaveis srs. Miguel Izabella & Cia. desta praça tiveram a gentileza de enviar-nos alguns lapis e bonets amostras muito interessantes da "Northernking flour de Pillsburys" de que são os mes-

## Cabellos

UMA DESCOBERTA CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botanico dr. Cround, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis.

É recommendada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro, e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2º — Cessa a queda do cabelo.

3º — Os cabellos brancos, descolorados ou grisalhos voltam a cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4º — Detem o nascimento de novos cabellos.

5º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.

6º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

Alvin & Freitas cessionarios da Caixa Postal n. 1379 — São Paulo.



# GOODRICH

O pneumático universal

Fabricado em todos os typos e dimensões

**Garantia e Durabilidade**

Acceitam-se agentes no interior  
do Estado

Entrepasto Geral para o Brasil:

**Companhia Commercial e Maritima**

240 - Rua Bom Jesus — RECIFE

◆◆◆ O sr. Xisto Vieira que, até ha poucos dias, occupou o cargo de Delegado Fiscal, deste Estado, visitou-nos offerecendo os seus prestimos em Santos, para onde foi removido.

Somos agradecidos á gentileza de s. s.

◆◆◆

◆◆◆ Recebemos um opusculo contendo as noticias das festas commemorativas do Primeiro Centenario do Diario de Pernambuco.

Nitidamente impresso, trabalho das officinas daquelle importante orgão, reúne varias photographias de magnifico effeito.

Agradecidos pela offerta.

◆◆◆

Conforme tivemos occasião de prometter aos nossos innumerables leitores iniciámos, hoje, na **A Pilheria** um serviço de reportagem photographica como está a exigir o progresso e o adiantamento do Recife.

A **Pilheria** que se orgulha de ser uma revista moderna, resentia-se desta falta para poder se apresentar aos seus leitores.

O nosso serviço de reportagem photographica, a exemplo do que fazem as revistas do sul, abrangerá embarques e desembarques, casamentos, baptisados, festas em geral, etc.

Alem do nosso serviço acolheremos com a maior sympathia as photographias que nos fôrem enviadas por amadores, profissionaes, as quaes publicaremos, desde que estejam em condições sem nenhuma despesa para os mesmos.

Hoje, apenas, podemos publicar aspectos do almoco offerecido ao illustrado clinico dr. Arthur de Sá Filho, sabbado, no **Jockey Club** e o carro do dr. Gustavo Pinto, victorioso no corso do carnaval.

Para o proximo numero alem de outros serviços temos a publicar uma reportagem perfeita do corso onde figuram carros de pessoas da nossa alta sociedade.

Faça sua independencia guardando no

**BANCO DO POVO**

em c/c LIMITADA  
Juros de 5 %

## NOITE MAL-ASSOMBRADA

JAYME GRIZ

Noite de Junho, chuvia...

Era uma chuvinha fina, nervosa, esvoaçante,  
Cahindo, brandamente, pelos telhados...

Lembrando, com a sua monotonia enervante,  
Um choro dolente, de corações maguados.

Era a garôa, que cahia...

A noite ia alta, o frio era intenso,  
E da solidão do meu quarto,  
Eu ouvia, de instante a instante, cortar o espaço  
E o profundo e desolador silencio.  
Da noite friorenta e malassombrada,  
O latido plangente, de um cão,  
Perdião lá fóra, na densa escuridão  
Daquelle ermo, cheio de assombração...

...A garôa cessára.

Ouvi passos lá fóra...

Abri a janella, olhei a rua assombrada:

Tudo deserto!... E quem passára áquella hora  
Tão triste, tão erma, tão gelada?!...

Quem passára?...

— Talvez, algum cão faminto...

— Talvez, algum phantasma errante;

Alguma alma penante,

Que baixasse, do infinito,

E andasse, em loucas rondas,

Embuçada em sombras...

Quem passára?...

...E olhando o espaço dormente, enorme,

Somente vi, vultos erradios de morecos,

Voejantes, tontos, rapidos, pelo ar,

Fazendo lembrar,

Os meus pensamentos sem socego...

...E em meio daquelle silencio profundo,  
Senti-me como que isolado, só, no mundo...

...E enchi-me de temores;

Tranquei-me na solidão do meu quarto,

Deminado por estranhos pavores...

...E tive medo, então, dos phantasmas errantes;

Das almas penantes,

Que andam, sem pausa, pelo espaço enorme,

A penar, em ais...

...E nunca mais

Abri a janella do meu quarto,

Quando a noite vae alta, e tudo dorme...

Nunca mais...

# FRIVOLI

Sabbado, domingo, segunda e terça. 13, 14, 15 e 16 de Fevereiro de 1926. Quatro dias de alegria intensa, turbilhante. E, no meio de toda essa festa ruidosa, um milhão de gaffes, de indiscreções, de amores iniciados, de fins de romance, de pequeninas tragedias intimas desenvolvidas no scenario estreito do coração...

Mas, acima de tudo, a alegria buliciosa das musicas alegres, a sensação embriagante do ether perfumado, a attracção luminosa dos olhos das mulheres e a irreverencia desaforada dos homens...



## INFANCIA



Everardo  
e  
Evandro  
Silva

Aquelle bello Pierrot sentimental, todo em sêda branca, de poupões negros, faces caídas, que tanto dansou, alegre, nos olhos da linda Columbina de cabellos de ouro, e que tão lindos madrigaes cantou aos ouvidos da creatura deliciosa, na terça-feira, ao fim da festa, sob a chuva impietosa que desabara sobre a alegria da cidade, tinha nos labios, os quatro versos de Alvaro Moreyra:

"Pobre Pierrot, dos escombros  
surgio exausto, uma ruina...  
Trago a saudade nos hombros...  
vestida de Columbina..."

O mais lindo sonho sentimental do joven poeta é, hoje, uma creatura cujos encantos a fazem de uma

volubilidade alarmante. Vive a rir, a linda voluvel... Todos os olhos masculinos que surgem, deitam a perder seus vivos olhos negros que se accendem mais, como se recebesse, em cheio, e casasse, num original matrimonio de luz, a luz forte de seus olhos á luz cúpida dos outros olhos.

O moço poeta encontrou-a na rua, numa alegria envolvente, na graça leve de um vestido branco. E indagou, por blague:

—Que phantasia é essa?

Um sorriso gracioso e a resposta:

—Estou phantasiada de mim mesma...

O moço poeta não perdeu a linha e corrigia:

—Não pergunto pela phantasia do corpo. Indaga da phantasia da alma.

E ella, enquanto attendia a outros olhos, reptou:

—Advinhe!

E elle, num sorriso de vingança, advinhou:

—Phantasia de... borboleta!

A querida figura de evidencia em nosso commocio, elemento de prestigio nas rodas carnavalescas magôou muito o coração da linda creatura que o ama perdidamente...

E ella, cheia de ciúmes, vingou-se: chorou. E é, aliás, a primeira vez que elle a faz chorar. Ha homens que não sabem comprehender a amizade de uma mulher, principalmente de uma mulher como essa que chora de ciúmes por amor do moço de prestigio nas rodas carnavalescas da cidade...

Uma vez, quasi em falsete, soltou, para a alta de um primeiro andar, a alguém que lá estava:

—Revuette!

E affastou-se acompanhando umas amiguinhas um passeio.

Aquelle termo solto assim, sem expressão, aparentemente, queria dizer muito, todavia. Apenas, porém, poderam penetrar no mysterio da linguagem cifrada. Um aviso, decerto...

No segundo dia de carnaval, os dois passearam sem os olhares severos e perscrutadores da titia, a titia distincta que não admite as loucuras da sobrinha.

E a sobrinha brincou muito. Demais, talvez...

No terceiro dia, porém, a titia veio. Alguém,

# DADES...

gou do heroísmo da titia. E a graciosa sobrinha, de  
na garotice compromettedora, explicou:

—Ah! A titia soube de hontem e hoje veio de...  
finas velhas.

E como o outro fizesse má cara á presença da  
tia, ella defendeu-a:

—A culpa foi minha. Esqueci de esconder-lhe as  
tas velhas...



Num leque dado a illustrar, um poeta escreveu,  
esta vez, estes versos que a minha bisbilhotice foi  
descobrir na colleção de lembranças de uma linda  
natureza sentimental:

“Por minha vida socegada  
Appareceste, certa vez...  
E, desde então, em pó, em nada,  
O meu socego se desfez.

Mas, não sabes, a mim, quanto me apraz,  
Essa angustia que tem algo de dôr,  
Essa ventura de soffrer demais  
Pela felicidade de um amor!”



Elle promettera ir ao “sereno” do Jockey e, no  
outro dia, á rua, á hora festival da alegria, para en-  
contral-a. Não foi... Elle sabia que ella preferia que  
ele não fosse.

No outro dia, um telegramma: “Damnada!”

Elle sorriu ao receber o despacho e... a fita  
desmanou-sc...



Ella era uma bonequinha rosea na capota do carro  
quenininho. Elle, um foilão desengonçado sacudido na  
multidão, como um pião tonto a que vae faltando a  
roda. Ella sorria sempre, ao vê-lo. E elle tomava de  
salto o carro para sacudir-lhe nas faces, no collo, nas  
boas, o esquiço gelado de seu lança-perfume.

Já ao fim, emquanto ella sorria á acção do ether  
do, ella deixou-lhe impressa na linda mão setinosa a  
nota musical de um beijo...



O mocinho moreno, gordinho, velho conhecimento  
linda morena de olhos negros, assaltou-a, embriagan-

do-a á força de muito ether, que ella recebia de olhos  
semi-cerrados, sonhando, sonhando...

A titia que a acompanhava, extranhou a insisten-  
cia do mocinho moreno, gordinho, e indagou:

—Quem é aquelle?!

Ella, ainda tonta, feliz do encontro, tapiou a  
bôa titia:

—Ah! Você não o conhece, não. E’ um amigo do  
maninho.

E o mano, longe, não podia protestar...



## INFANCIA



Robertinho  
Silveira

O intelligente e esguio funcionario de uma com-  
panhia americana, noivo, fez, no ultimo dia de carna-  
val, um negocio rendoso...

Sahiu, pretextando a distribuição de uns prospectos  
de propaganda para a qual declarou necessarias qua-  
tro horas, quatro longas horas.

Ligeiro, expedito, fez o “estafante” trabalho em  
15 minutos nos quaes se desincumbiu galhardamente da  
tarefa e ganhou, apenas, tres horas e quarenta e cinco  
minutos de pandega larga e bôa.

Promette muito, o rapazinho, para negocios de ta-  
manho lucro...

GRACITA.

## O GUIZO

Para Waldemar de Oliveira.

*Já um capuz de Mephistopheles,  
que alguém lançou, Dia de Cinza,  
á valla-commum do chão,  
eu, pobre de mim, trapeiro,  
eu, pobre de mim, poeta,  
com subtilimo sorriso  
prendi minuscuro guizo  
á mão...*

Rides? Mas ha quem não fique  
teendo em face de um guizo  
duvidas do intimo inferno,  
como um Hamleto moderno,  
perante o craneo de Yorik?  
Rides? Mas ha quem se exima,  
á fascinação da Rima,  
a pensar como pensei,

que aquella estridula esphera  
num verso antigo pudera  
ter timbre de ouro de lei?

Rides? Mas ha quem não sinta  
quando este guizo tilinta  
na pastoral da manhã,  
que certa dryade hellena  
furtou o guizo da arena  
de Pan?

Rides? Mas ha quem não veja  
—quando a Luxuria flammeja  
no guizo que ora vibrou —  
que esta reliquia argentina  
é um Beijo de Colombina  
na bocca de Pierrot?

NUNES PEREIRA.

## Philosophia da Indifferença

Para a belleza espiritual  
de Lindoca Rigueira.

Foi um amôr absurdo como to-  
dos os amôres violentos.

Nasceu dos primeiros olhares.

Viveu nos primeiros sorrisos.

E morreu nos primeiros beijos.

Quando elle a viu pela primeira  
vez e sentiu o choque daquelle  
olhar comburente nos seus olhos  
de incendio, envenenou-se de pai-  
xão. Como que um fluido electrico  
penetrou, pelos seus olhos, até  
á sua alma de sceptico e descrente,  
tomando-lhe os nervos todos.

Elle nunca tivera grandes emo-  
ções. Nunca sentira a sublimidade  
dos extases, nem gosara a volupia  
das surpresas sensoriaes. Julgava  
a emoção como a mudança ordina-  
ria de uma causa ou de um effei-  
to. Mas sempre considerou a vida  
pelo objectivo da ephemeride ou  
pelo proposito da inconstancia. Tu-  
do é passageiro, dizia. A propria  
eternidade é relativa, pelas conse-  
quências phantasticas da theoria ein-  
steineana.

E firme nos seus réquentadíssimos  
pensamentos de idealista phi-  
losophico, nunca houvera gosado o  
prazer dos ineditos. Sentia muito,  
gosando nada. Não recebia choques  
de sensibilidade inesperadas.

Depois, elle a viu pela primeira  
vez.

A mudança operou-se brusca co-  
mo o encontro dos elementos elec-  
tricos. E o homem que ia ao en-  
contro das emoções, antes, agora  
aguardava, abstracto e alheio, que  
ellas o viessem tomar de surpre-  
sa. Perdera o dynamismo moral da  
superioridade animica. Tornara-se  
de leão em cordeiro, como um mar  
que se consentisse derramar por  
inclinações e encostas até se tor-  
nar um simples veio.

O veneno do amôr invertiera-lhe  
os sentimentos de idealista, cons-  
purcando-lhe a alma.

Aquella individualidade que elle  
soubera dar a cada uma das suas  
essencias, relaxou-se. A vida do  
seu cerebro independente, que sem-  
pre agira sem consultar os estados  
da alma, e a vida da alma que  
independera sempre das informa-  
ções dos sentidos, tornaram-se con-  
sequencias dos sentimentos do seu  
coração, que além de centro phy-  
sico da sua vida fizera-se a base  
moral das suas acções: era um ho-  
mem que agia pelas paixões.

Os primeiros olhares, ardentes e  
loucos como nas paixões adolescen-  
tes, sancionaram os primeiros  
sorrisos que eram envolvidos de  
uma circumspecção paradoxal.

Depois dos sorrisos, a approxi-  
mação.

E com a mesma rapidez daquel-  
la estúpida paixão, vieram os pri-  
meiros beijos, que mataram o mys-  
terio venenoso do amôr.

Foi numa noite escura como o  
silício.

O azeviche das trevas crestava  
as almas de tedio.

O silencio, açoitava os cerebros  
que se estorciam em pensamentos  
phantasticos e idealizações ma-  
cabras.

A alma daquelle noite devia ser  
representada por uma feiticeira  
horrivel, lendo velhos incunabulos  
da tragedia, á luz de uma foguei-  
ra alimentada com craneos e san-  
gue humanos.

Elle não tolerou, no seu aperta-  
do quarto de estudo, a aridez da-  
quella leitura philosophica.

Sobrou a vela que se derramava  
liquida por sobre a mesa, e rompen-  
do a densidade tenebral da noite,  
saiu.

A volupia das trevas resuscitou-  
lhe o poder do instincto que vivia  
sopitado pela actividade cerebral.

Sentiu, numa vesania inopina, a  
necessidade louca de uns labios on-  
de pudesse sorver um pouco de  
dôr.

Caminhou, no seu sonho physico

de materialisar a espiritualidade  
de uma paixão que o consumia.

Elle o esperava e adivinhou-o, de  
longe, na noite,  
Não se falaram.

Tomaram-se as mãos, convida-  
ram-se nos olhos quentes e corus-  
cantes, e uniram as boccas beijan-  
do as almas ardentes que vibra-  
vam na fragilidade dos corpos.

E na tragedia da noite, os bei-  
jos commetteram a tragedia pas-  
sional dos desejos.

No outro dia ainda a sua alma  
vibrava com o corpo, numa ansia  
infinita de desejos loucos.

Aquelles beijos trituraram-lhe os  
sentidos. Sentia nos nervos uma  
agonia como de dôres interrompi-  
das. Vira, atravez da materialida-  
de da carne, a pieguice do amôr  
que só vivera no platonismo das  
distancias. E na recordação do seu  
passado de tres dias, pequeno no-  
conjuncto das horas, elle via a gran-  
deza de sua loucura de amôr;  
transformara a sua vida de espirito  
numa vida de materia subjugada;  
fizera do seu cerebro uma funcção  
do coração. E não pudera a pai-  
xão com que agira, naquelles mo-  
mentos, elle que sempre fôra um  
homem que agia pelos raciocínios.

O beijo infiltrara-lhe mais na  
alma a materialidade da vida; fi-  
zera-o desejar mais alguma coisa  
que satisfizesse a sua ansia de  
homem tornado bonifrate de senti-  
mentos.

Mas dominou-se. Reagiu tão vio-  
lento quanto o fôra naquelle amôr  
rápido e desordenado.

Creou a sua antiga individuali-  
dade que feneceira sob a flamma  
do amôr que o dominava.

Mas o veneno do amôr ficou im-  
pregnado em todo o seu ser.

Vivia numa eterna lucia para  
ser independente do coração. Sof-  
ria todas as vezes que procurava  
ser o homem que agia pelos racio-  
cínios. Porque o coração fizera-se  
a base moral dos seus actos.

Agora elle sentia as grandes  
emoções...

Passaram-se tempos.

Elle conseguia isolar, com o an-  
tidoto dos beijos de outras mulhe-  
res, o veneno daquelle amôr.

Era um homem livre, independen-  
te.

E dizia:

Uma mulher escravizada, domi-  
na, mata a vida moral de um ho-  
mem. E nas outras mulheres nós  
encontramos o meio de redem-  
pção.

A multiplicidade mata o espiri-  
to e educa-nos para a grandeza das  
acções, dando-nos largueza de vis-  
tas.

Eu sou o homem que encontrou  
na complexidade feminina a sim-  
plicidade da vida.

Proclamei a independencia do  
meu espirito.

Heraldo de La Ventura.

# BA-TA-CLAN

O maior encanto do carnaval reside, sem duvida, no ephemero de suas manifestações. Tudo que se diz, e se ouve, e se canta, e se promette, parece fadado a viver, apenas, um minuto, ou, pelo menos, algumas horas. Mas em tudo isso reina uma alegria intensa e vibrante, que é uma justificativa sincera e aceitavel.

Não é no espaço de uma crônica que posso descrever o carnaval recifense, com as suas loucuras, os seus arrebatamentos nervosos, musicas, e bailes, e corso, e o mais... Testemunho directo, porém, ainda assim me é dado fazer um registo ligeiro de alguns flagrantes...

Os bailes do Internacional e do Jockey Club, no sabado, constituiram nota de rara elegancia... Interessantes fantasias e ricas toilettes esplenderam ao feerismo das luzes multicôres. Nos outros dias, em ambas essas aggremações, festas de distincção se promoveram, e que assistiram elementos da mais alta sociedade pernambucana.

O carnaval de rua não foi menos brilhante. Não falo no dia de domingo Quase não me impressionaram, nesse dia, as homenagens ao deus Momo. Preferi palestrar, alegremente, com aquellas trez lindas senhorinhas da rua do Hospicio, que, por estarem de luto, preferiram olhar, da janella, o desenrolar da festança. E que deliciosas cousas conversámos...

Na segunda e na terça-feira eu senti todo o entusiasmo tropical á flôr dos labios, nos olhos, na alma... E não houve como reprimir o meu estado emocional, perturbado, ás vozes, por alguns silencios, que eu mesmo não sei explicar de onde vinham.

E foi então que eu vi... A! sim, o que eu vi, no Jockey, no Internacional, na rua da Imperatriz, na rua do Hospicio, e no corso...

um grupo de senhorinhas, num caminhão com um leteiro — Futuristas de Portugal — cantando canções passadistas...

a baratinhã de Walfredo Pessoa, conduzindo duas lindas e lyricas creaturas...

o Dodge da familia Rosa Borges, com um grupo gracioso e dos mais valentes nos folguedos de carnaval: Dinah, Maria, Lulinha, Carolina Burle, Lola... confetti, lança-perfume, talco, e um pouquinho d'agua...

Annita e Heloisa Gonçalves Guerra, lindamente fantasiadas, trazendo do interior toda a alegria dos seus corações...

Zezé Menezes, o original, elegante e interessantissimo Polichinello do Jockey, distribuindo, do seu carro, sandwiches de... sorrisos e adeuses de serpentinas...

Mocinha Queiroz, com uma impressionante fantasia, a illuminar, ainda mais, com os seus olhos de geisha, as ruas da cidade...

Beatrizinha Lacerda, toda espirito e emoção, encanto e alegria...

Nelly Lacerda, a quem não se pode contemplar por mais de cinco minutos, pelo risco de uma paixão imprevisita...

Lucia Lewin e Carmen Gomes de Mattos, fazendo evocar, pela sua gentileza e sua alegria, typos de fidalguia antiga...

Odette Travassos, graciosa como quê, prometendo contar tudo o que sentiu de bello no Rio de Janeiro...

e a geisha maravilhosa... não na viram? Viram-na, sim, que não é possivel deixar-se de vêr, em dias de carnaval, a mais linda e impressionante creatura da cidade: olhos pequeninos e fortes: sorriso claro, de crystaes partidos: corpo assim de uma estatuetta immortal, com vida: cabellos meio esvoaçantes ao rythmo do vento: uma grande alegria n'alma: e no coração uma bondade infinita... todos a viram com aquella encantadora fantasia de cow-boy...

E eu vi mais, ainda, no corso. Vi e ouvi...

ouvi, na rua do Hospicio, aquelle rapazinho dizer a certa creatura morena: "Vou buscar munição, e ainda me encontro com você"...

vi uma linda morena cor de jambo, a quem eu disse: "A sua bocca é do tamanho de uma palayra de duas syllabas: amar, soffrer, sorrir, beijar..."

ouvi uma creaturinha gentil, ao sentir approximar-se do seu, certo automovel, saltar de contente e bradar: "Agora, sim, eu vou brincar mesmo..." e, dando as costas á humanidade que ia na frente, voltar-se para o carro que vinha atraz...

vi um coreundinha na rua da Imperatriz, fazendo evocar a Cathedral de Notre Dame, brincar insistentemente, com certa senhorinha, offerecendo-lhe, até, honbons, que ella aceitava com um ligeiro sorriso de piedade...

sorri ao saber que um cavalheiro da alta roda havia feito uma declaração de amor a uma senhorinha tambem de alto conceito social, e que ella, como resposta unica, dissera: "Isso é carnaval, dr..."

ouvi mlle... confessar, bem baixinho, a um meu collega: "tenho muita cousa que lhe contar..." ao que elle respondeu, voz alta, saltando para outro automovel: "Depois do carnaval!"...

E muito mais vi, e ouvi...

no Jockey, por exemplo, quando eu dansava com a gentil mlle. Z. M., ouvi a encantadora mlle. H. C. dizer-lhe: "quero falar-lhe em segredo"; e terminada a dansa, lá seguiram as duas para uma das janellas do Palacete Azul, palestrando longamente... Quanta cousa eu desejaría ter ouvido!...

vi o flirt de certo almofadinha, que o Dustan appellidou de "boneco de assucar nas mãos das moças", com uns olhos... santos do Recife...

e tambem aquelle soldado de policia, policiando o coração de mlle... cujo nome está na historia e na mythologia... acompanhado de um rapto...

Que é que querem mais que eu tenha visto e ouvido? As sonhadoras? Sim: admirei as silhueta) deliciosas de varias senhorinhas, que começaram, no sabbaço, a sonhar, e na terça-feira se achavam com serias promessas de realização... Os nomes, não lhês cito, porque não as quero perturbar no encanto dos seus ideaes... Nem tudo no carnaval é ephemero... Alguma cousa ha de ficar, para alguém, dessa tumulto de vozes, dessa indistincção de palavras e sorrisos... Qualquer poema de recordação imperecivel: um sorriso, uma frase, um leve tocar de mãos, um madrigal, que, reunidos, formam os versos do poema...

LUIS DE MARIALVA.

Quarta-feira de cinzas...

A alma em pandarecos, o corpo moído, a boeca amarga, uma saudade dolorosa a me pisar a consciencia e o Porto da Silveira, feroz, a exigir de mim uma chronica de carnaval...

Isso, francamente, ultrapassa limites, desrespeita fronteiras, abate a poderosa instituicao de minha vontade e ataca a paciencia dos milhares de leitores incautos que deixam correr os olhos sobre as linhas que me ferçam a escrever, nesta chuvosa quarta-feira de resaca.

Mas d'acesso é, sempre, o protector dos infelizes e, á hora em que eu tentava despejar do cerebro umas reminiscencias apagadas, passou, á altura de um assalto, o meu amigo poeta, um moço de talento que não tem sido, na vida, mais que "um pobre moço de talento..."

Aggredi-o. Arranquei-lhe do éstro umas impressões encaixadas no ridiculo de uns versos mais ou menos engommados, mais ou menos desengonçados, uns versos de todas as côres, amarratados, pedaços de serpentina apanhados aos cantos das ruas:

Domingo. Quanta frieza pelas ruas!  
Salomão phantasiado, pernas nuas,

Passeia ao pé do Caio, discutindo  
Sobre as "Glosas". Além, se divertindo,

Em tregeitos e esgares de palhaço  
O Maestro Figueirêdo, num abraço,

Aperta os ossos todos do Schettini,  
Que, em longos versos, seu amor exprime...

Milton Turiano, atraz d'umã "princeza",  
Reputa Esdras-Farias de "belleza".

E, mais na frente, Arnaldo Guedes, rico,  
"Queixoso" de não ter sido o Angelico,

Increpa o Oscar Brandão de mão collega  
E guarda na carteira uma pellega...

—Miguel Muniz, meu "nêgro", isso o que é?  
—Nada! Estou phantasiado de "Dedé"!

Como aquella vivaz borboletinha  
Gosta tanto de brincar...

—Cuidado, minha linda moreninha,  
Não vá as azas queimar!...

Fittipaldi em "concertos" um papão,  
Precisa "concertar" o coração...

O Austro-Costa das "trepações"  
No "Carnaval da Indifferença"  
Jura fugir ás tentações  
E não cair na lucta intensa...

◀ A MINH  
IMBE  
▶  
▶ APÓS -

Mas o poeta, enfim, desatina  
E vem findar pintando o sete,  
Com camisa de serpentina  
E monoculo de confetti...

Segunda-feira. Um pouco mais de festa  
A alegria da tarde nos empresta...

Fittipaldi, Joãozinho, Waldemar,  
Schaffer, Pansardi e Mario a pandegar...

Schaffer, em desgraçado portuguez,  
Perpetra um trocandilho infame, soez.

Pansardi que pinota, a rir, parece,  
que alguem, fina, leve, não o esquece...

Gil Campos, esquelético, exquesito,  
Parece phantasiado de palito...

Beroaldo, descoberto, faz zum-zum,  
Por ter dansado muito no "Apois-fum".

E o Puppe, caçador de corações,  
Foi um dragão feroz lá nos Dragões!

O Ferreira dos Santos, poeta "quente",  
Entrou com o "Fogo" na batalha ardente...

E na "fogueira" que o pirata ateou,  
Muita "coisinha" boa se queimou...

—Meu lindo Pierrot de Vilette  
Responda: o que é você, afinal?  
—Eu não sou Pierrot, sou Pierrette,  
Dentro e fóra do Carnaval!

—E a gente crê, sinceramente,  
Em vocês, no bem e no mal...  
E, vocês enganam a gente  
Dentro e fóra do Carnaval!

# CHRONICA SADA RNAVAL

Terça-feira... Apogeu, loucura, amor...  
Alegria, ether, musica, esplendor...

Alfredinho, Góes Filho, Nelson Vaz,  
Celio Meira e Monteiro de Moraes,

Cinco foliões de peso e de medida,  
Gente boa, batuta, sacudida...

E "seu" Carneiro atraz da moreninha  
Passando a chuva em casa da vizinha...

Olhe lá, "seu" Carneiro, tome tento,  
Não vá depois, correr atraz do vento...

Arnaldo Lellis, poeta e bacharel,  
Esteve bom, seguro, em seu papel...

E, se midrigaes fez, não foi atôa,  
Pois o Lellis, por tudo, é coisa boa...

Doutor Luis Faria: a cartolinha  
Andou virando muita cabecinha...

E houve até quem dissesse, fria, amuada,  
Cheia de ciúme e zelo: — Estou zangada!...

Mas... não foi isso mesmo, meu doutor!  
Um tolo, um pequenino amôo de amor!

Afinal, veio a chuva, chuva forte,  
Que a Alegria feriu fundo, de morte...

Foi São Pedro que, assim, frio, apagou,  
Tanto fogo que o Amor, de máo, ateou...

Nesse Carnaval da "A Pilheria",  
Silveira fez discursos mil.  
E disse muita coisa seria  
Para honra e gloria do Brasil.

O Silveira, em assumptos taes,  
E' nada micro! E' muito macro!  
Mas houve quem o achasse mais:  
Bom orador, profundo e... sacro!

—"Seu" Jayme não brineou, porque!!  
—Não sei... Saudades de você!...

—Você está triste, Arlequim!  
Onde está sua alegria?  
—Anda pelo botequim,  
Numa loucura, á porfia...

—Columbina lhe deixou  
Por um Pierrot de alfinim!  
—Já não ha um só Pierrot...  
Agora é tudo Arlequim!

—Dona Alegria, tão seria!!...  
—Não se importe... E' pilheria!

Meu sonho de Carnaval...  
Um sonho ou uma canção,  
Um lindo sonho oriental,  
No Oriente do coração...

Meu sonho de Carnaval...  
Uma bonita Mulher,  
Ardente, meiga, sensual...  
Falsa como outra qualquer...

Meu sonho de Carnaval...  
Um lindo sonho de amor,  
Que me deixou, afinal,  
Um saibro, uma ansia, um torpôr...

Copiei do meu amigo poeta estas loucuras rimadas,  
pedaços de alma, observações, indiscreções, blagues e...  
mais nada.

Emfim, respiro, aliviado. A chronica está feita. O  
papel que estava branco, está pintado de garatuñas.  
Para alguma cousa haviam de servir, os poetas... E o  
leitor ha de convir que, afinal, os poetas não são tão  
idiotas como os pinta a humanidade.

Quanto a mim, beijo as mãos ao grande amigo sal-  
vador e posso ir dormir descansado, que o Silveira não  
sacudirá mais, amanhã, os heroicos remanescentes de sua  
luzida e saudosa cabelleira, ás voltas com a falta de  
arteria, o bicho-papão que o persegue, sempre, neste  
horriavel numero de após-carnaval, quando a reassaca at-  
tinge até esse exemplarissimo e delicioso emotivo que  
é Celio Meira.

Vale.

ARLEQUIM.



# DA CARTEIRA DE UM REPORTER

O Carnaval passou. Com a sua passagem a mascarada que encheu a cidade revestio-se da mesma austeridade e da mesma sizudez, ás vezes ridicula, com que sabe, muito astuciosamente, se apresentar aos olhos de nós outros que lhe conhecemos os defeitos e as más qualidades. E são uns mascarados interessantes. Interessantes ao ponto de merecerem, vez por outra, o registo nas chronicas mundanas da cidade. Mas tratemos dos assumptos que interessam tanto aos leitores desta secção.

A mania daquelle commerciante elegante e que traja sempre de branco é só comprar lenços quando estejam engommados. Em tempo que não vae longe certa galante caixeirinha da cidade lhe fazia as vontades.

Quantas vezes ella, a graciosa funcionaria, não vendeu duzias de lenços ao commerciante elegante depois de havel-os mandado a uma engommadeira.

Hoje a cousa mudou.

Os seus pedidos a outra joven e galante caixeirinha não tem sortido effeito.

E elle compra os lenços tal qual elles veem da fabrica.

Se madame soubesse que o seu marido banca o solteiro...

...Se soubesse que elle desejava casar com uma humilde caixeirinha da cidade a quem faz juras de uma felicidade muito duradoira e de um futuro muito brilhante, certamente não ficaria satisfeita.

Mas o caso é que o pirata toda vez que sahe do escriptorio vae certinho ao balaão procurando convencer a ingenua creaturinha de olhos pretos que é um homem livre e que não pode mais tolerar esta vida de solteiro.

O joven chronista da cidade está quasi noivo. Esquecido de uns olhos de além-atlantico elle brevemente anunciará a cidade inteira o seu contracto esponsalicio.

A ida do joven clinico ao bal-masqué do Jockey sem o consentimento de madame produziu um aborrecimento a elle proprio que nunca lhe poderia passar pela lembrança.

O certo é que elle fez um juramento de nunca mais dansar sem que fosse com madame.

Ninguém mais viu aquelle moço alto e quasi assucareiro nas matinées

do "Moderno" onde ficava a um canto, conversando até a hora de serem encerradas as sessões.

E' que talvez um outro moço menos alto e não assucareiro o tenha substituido em doces colloquios com a sua companheira de cinema.

Uma cousa que tem sido assumpto de commentarios é a ausencia de freguezas a um estabelecimento commercial da rua Nova.

Bem verdade é que freguezes ali não faltam e freguezes que são sempre bem acolhidos pelas galantes funcionarias da casa proporcionando-lhes agradaveis instantes, ao mesmo tempo que deixam elles ficar o rico arame por uma gravata que compram...

O Carnaval fez com que mille. reatasse as relações que de ha muito havia cortado com o elegante bacharel, funcionario de uma das nossas repartições publicas.

E' que elle, na rua da Imperatriz, fez um ataque tão gentil á mille. que a enterneceu e fê-la esquecer os momentos de zanga que havia passado em outra epoca.

## Quarta-feira de Cinzas...

Quarta feira de cinzas, a illusão do prazer, da alegria e do delirio, fôge, deixando em cada coração o sulco dolorido do martirio.

Um Pierrot que dorme no jardim, de faces magras, faces cadavericas, tendo ao lado caído o bandolim, recorda em sonho três noites histéricas.

A vida é um Carnaval! A hypocrisia é a mascara que esconde o soffrimento. Mas, quando vem a realidade fria o homem sabe o seu padecimento.

No mundo, em toda parte, ha Colombinas, ha Pierrots e Arlequins embriagados... Sonhos de ether, confettis, serpêntinas... nada mais do que risos disfarçados.

Dizem todos que o homem é um braço forte. O viver é uma farça interrompida, —eterno Carnaval! — eis, chega a Morte... Quarta feira de cinzas desta Vida!

MARTINS VARELLA.

## Nostalgia de Pierrot |

(Para JOSE PENANTE)

Muito linda, muito chíc e elegante,  
na sua phantasia,  
leve, transparente,  
cheia de guiso,  
Colombina passou,  
assim, alegremente,  
sacudindo o corpo excitante.

E não viu que um Pierrot,  
muito branco e muito triste,  
lhe seguia por toda parte, atôa,  
allucinado,  
enlevado,  
buscando, talvez, no seu sorriso,  
no seu olhar divinal,  
na sua doce indiferença,  
toda alegria do Carnaval.

Pois, eu sou como este Pierrot...  
Eu tambem ando, assim, atrás do amor,  
do sorriso, do olhar, do beijo afinal  
de uma Princezinha idéal!

MILTON TURIANO

# A Porta do Leça

COO. XXX.



## Reportagens & Indiscreções

### O BRINDE

Nehemias Gueiros, o esguio e complicado apaixonado da rua da Concordia, o moço cuja intelligencia e cuja indiscreção tem trazido meio mundo em dobadora, é, ainda, um tímido, timidez que, segundo a opinião do grande poeta donjuanesco Ferreira dos Santos, vem de sua candida mocidade rã-diosa.

Foi assim que o Nehemias, amante platonico de todas as melindrosas, deu com o esguio costado no ambiente festivo de uma reunião familiar, arrastando, com o prestigio de suas alvas polainas e o fulgor de suas blagues sentimentaes, as voluveis melindrosinhas da festa.

Isso levou o dono da casa á hora dos brindes, dos classicos brindes familiares, a delegar poderes ao Nehemias para saudar o bello-sexo.

Nehemias o coração em cobriolas, a gorja obstruida pela commoção, ergueu-se, tomou, com a mão tremula, a taça e, após um minuto impressionante de silencio, falou, commovido:

— Meus senhores: Eu bebo a saude da mulher...

### COMIDAS...

Com a alegria brilhante do carnaval a se desbragar pelas ruas o Zeca Britto reuniu uns amigos foliões e sahfu tambem a render culto ao glorioso Deus da Folia.

Foi assim e em virtude de tal, que Zeca Britto, Coimbra Junior, Alcindo Leitão, Amaleu Silveira, Hilton Batelão, Rego Lima e outros foliões organisaram um bloco a que denominaram "A familia do pão."

Esse punhado de espirituosos e

divertidos mancebos, para justificar a denominação da troça, arranjaram pães verdadeiros cujo miolo substituíram por um tubo de lança-perfume.

"A familia do pão" ia, assim em muita alegria, quando o Coimbra o Coimbra Junior que já estava senhor de um forte stock de alcool na sotéa da esguia carcassa, apontando a figura importante do Zeca Britto, o chefe da "familia do pão", apresentou:

— O pão da familia...

E toda a grande familia, tocada do mesmo "entusiasmo" do moço-poeta, avançou no pão...

### CHRISTO...

Ferreira dos Santos, o joven poeta, pharmaceutico, cirurgião-dentista, foot-baller, humbrista, jornalista e orador popular está, agora, de vistas voltadas para um titulosinho de doutor em medicina.

Para tal, porem, elle precisa de uns preparatorios de mathematica que lhe faltam; materia a que o seu espirito sempre se mostrou avesso.

Arrastado ao estudo da materia pelo entusiasmo juvenil do poeta Nehemias Gueiros, o venturoso e "christianissimo" apaixonado da

rua que o Batelão cantou em versos memoraveis, o poeta do "Fogo" contractou um mestre, o professor Jesus, um moço cuja erudição na materia é notoriamente proclamada.

Surprehendido, outro dia numa aula em que o Jesus se esforçava por encher a cabeça do poeta de monomios e binomios, o pobre rapaz suava sob o peso das complicações algebricas.

Ao seu lado, o D'Arsonval Peixoto, penalizado, perguntou porque elle suava tanto. E o poeta, considerando a differença entre a technica de um decassylabo e a contestura de um problema algebrico, respondeu, apontando o mestre:

— E' Isso mesmo... Elle é Jesus e... o Christo sou eu...

### TURQUEZ...

Ao Cicero, o continuo cá da redacção, phantasiaram de turco, sem que elle soubesse a significação da phantasia.

Ao apparecer-nos, presente o Aprigio, este, numa exclamativa, admirou:

— Mas... está linda a tua phantasia turca!

O Cícero sorriu, affagou o crescente do fez e indagou, então, o que aquillo queria dizer.

O Porto da Silveira explicou que elle estava phantasiado de fihlo da Turquia.

O Cícero sorriu, afastou-se feliz do successo, e, mais tarde, quando alguém indagou da especie de fatiota que envergava, elle muito superior, dando á voz um timbre de gringo de prestação, respondeu:

— Eu sou "turquez"...

Dr. A. de S.

A immortalidade nem sempre livra o pobre mortal de morrer algumas vezes na vida. Alvaro Moreyra, o maravilhoso escriptor brasileiro que, sem transpôr os accessiveis humbraes da Academia, já é um immortal, pelo muito de belleza que tem espalhado pela terra, morreu... Isso a julgar pela pagina abaixo que fomos encontrar na brilhante "A Semana", da linda capital paraense.

Apenas, por nossa felicidade, Alvaro Moreyra não morreu e muito nos dará, ainda, de sua arte fina, requintadamente excitante, dessa encantadora poesia que provocou a nota carinhosa de saudade com que a harmoniosa confreira paraense registou a perda lamentavel.

Para elle o incidente valeu por mais uma prova de que o seu nome, a sua Arte, vivem no coração de todos os brasileiros.

## Uma saudade para todos...

Alvaro Moreyra, o delicioso Alvaro das lindas chronicas de "Para Todos", que, lidas pelo Brasil, tinham para todos um sabôr inedito e deixavam os seus leitores sempre a desejar mais — o poeta *de sonho e da saudade* morreu...

O Rio deve ter sentido a sua morte, como nós, mesmo distantes a sentimos, porque é mais uma intelligencia luminosa que se apaga.

A morte deve ter sido para elle a ultima reticencia de uma chronica que andou a escrever e nunca ninguem leu...

A vida talvez fosse para elle uma reticencia do sonho, como o sonho é uma reticencia da morte.

Em tudo que Alvaro escreveu deixou umas reticencias...

De uma philosophia doce, cheio de pensamentos lindos, a sua leitura era um pouco de cocaina que a gente, e principalmente as mulheres, absorvia lentamente, assim, assim, com pena de chegar ao fim.

Eis aqui uma das paginas de Alvaro Moreyra, que editando um dia "Um sorriso para tudo", o seu nome ficará sendo agora uma saudade para todos...

### FELICIDADE

A um canto do caminho, por onde a felicidade ia passar, o homem ficou a esperal-a.

Era no tempo da primavera. Veiu o verão. Chegou o outomno. O inverno, depois. E depois foi de novo o tempo da primavera, veiu o verão, chegou o outomno, o inverno, depois.

Do frio dos dias em que o sol se derramava em cores, cantigas, perfumes sobre a terra, até as noites brancas de luz gelada, quando a lua cahia, desfeita em neve, pelos campos, pelas estradas, — muitos annos, a um canto do caminho, por onde a felicidade ia passar, o homem ficou a esperal-a. De olhor accesos, aclarava a distancia. Quando viria? Quando viria a felicidade?

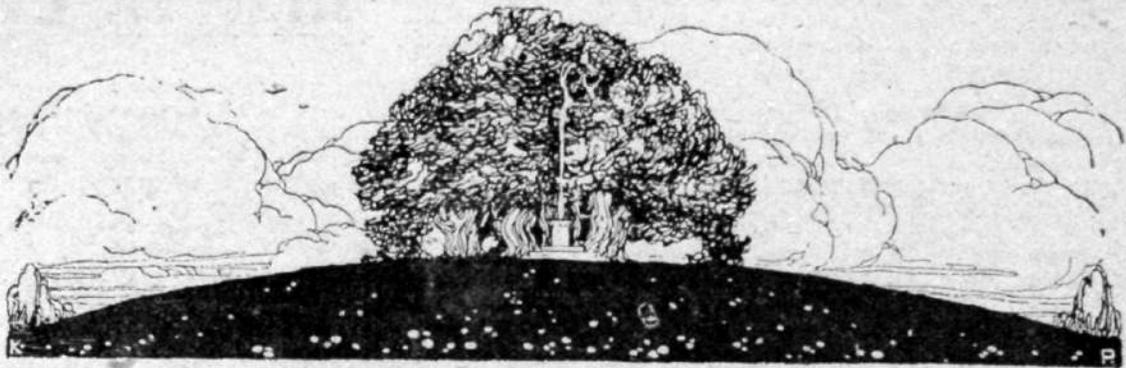
O homem moço tornára-se um velho homem. Quando viria? Quando viria a felicidade?

Certa vez, ás arvores mortas as folhas voltavam. Voltavam as audorinhas ao Céu todo azul. Tombou a noite. O homem adormeceu, cansado. Dormiu. Não teve forças para despertar...

A um canto do caminho, quando a felicidade passou, o homem estava morto e sorria.

ALVARO MOREYRA.





O'ia aqui, seu Zé Reymundo:  
Eu ando com os óio fundo  
Só de chorar pr'o vancê.  
Meu pae me disse outrodia:  
Toma cuidado, Maria  
Vê lá tu qui vae fazê?

E eu não sei mesmo ó que faça!  
Tou funda! (Minha desgraça  
Morde cumo maruim.  
Foi o tal do Zé Aitinga  
Que fez tres cruz de mandinga  
E butou feitiço em mim.

Ha tres dias que não drumo...  
Sou como a nnambu', sem rumo,  
Levanta ondê o vento qué...  
Sinto uma dô funda e calma  
Que sobe do pé pr'a alma,  
E desse da alma pr'o pé.

Eu hontem tava calada,  
Batia a lua pela estrada,  
E eu pensava no senhô  
Quando riscou no caminho  
O cavallo meladinho  
Do seu Chico Promotô.

## CARTA DE AMÔ

### (JECA TATÚ)

Vinha vistoso. Trazia  
Do bazá *Santa Luzia*  
Uns doce pr'a me agradá.  
Butou a mão no meu braço,  
Quiz falá, teve embaraço,  
Dispois, não pôde falá.

Meu pae diz que quando a gente  
Fica besta, de repente,  
Sem fallar junto de alguem,  
A gente sente, no fundo,  
E' porque, seu Zé Reymundo,  
Vontade de querer bem.

E elle ficou besta. Nada  
Disse e da alma suffocada,  
E os óio em lagrima, intê,  
Damnou-se a tocar viola...  
Pobre do moço pachola  
Que eu não quero e que me qué.

E cantou assim: Querida  
Ha duas cosa na vida  
Dona do meu bem querê,  
A primeira (que peccado!)  
E' o meu cavallo melado  
E sabe a outra? — é vancê.

E eu arrespondi na buxa:  
Seu Shico, os boi é que puxa  
E o carro é que geme. Assim,  
Vancê me ama de verdade  
Mas quem chora de saudade  
Seu eu com pena de mim.

Com pena de ver seu Chico  
Bem parecido, homem rico,  
De fama e de educação,  
Gostá dessa flor do matto  
Que gosta d'outro mulato  
Do Zé Reymundo Bastião.

Zé Reymundo! isso não pode  
Continuar assim, pr'o mode  
Das pena que eu vou soffrê...  
Bate o luar pelo caminho...  
Vorta, vorta, meu bichinho,  
Que eu tou pensando em vancê...

# VERBO CANTAR

O verbo cantar é um dos filhos radiantes do verbo supremo, do verbo eterno, do verbo divino e creador, que é o verbo amar.

Cantar é pôr os sons em harmonia, tornal-os amigos, parentes proximos, irmãos devotados e inseparáveis. Cantar é moralizar o som. Os sons discordes significam egoismo, desuniões, lutas, violencias, odios, hostilidades. Os seus peórcdes realizam paz, alliança, carinho, virtude, abnegação, amor. Quando os sons reciprocamente se estimam, dizemos que se casam. E' a verdade.

O piano, o violino, o orgão. No piano as notas são articuladas, ha um salto de notas para nota. Ha contiguidade, não continuidade. De nota a nota ha um intersticio, uma

lacuna. Cada uma dellas não per deu por completo a sua autonomia, o seu egoismo. No coração ou na rabeça, as notas são continuas, fundem-se convivem mais porque cada uma dellas, sacrifica, por amor á outra, uma parte do seu individualismo o seu limite: sentimol-as diferentes, mas não sabemos onde acaba uma e onde começa a outra.

A palavra falada, a palavra cantada. No canto ha mais amor entre as palavras, socializam mais, fraternizam mais. O grito inarticulado é a primeira lingua do animal. A palavra articulada é musica entre as sylabas. Ha palavras mais amorosas e menos amorosas. O verso é mais bello do que a prosa, porque estabelece entre as palavras

uma amizade mais estreita. Um verso errado é um delicto.

Os gemidos e os ais são harmonicos. Tanto mais harmonicos quanto mais intensa e amorosa a dôr profunda que os produz. Esses ais são o espectro sonoro do soffrimento, como as côres são o espectro da luz.

A luz é musica. O prisma é um instrumento de musica. Faz da luz uma orchestra, um hymno de côres. O prisma revela a musica dos atomos.

Ha linhas e côres que fazem cantar, porque são já musica sem voz. O canto tradul-as apenas, dá-lhes lingua.

A desharmonia é peccado.

O crystal é o canto lyric dos atemos. O carbone, crystaliza de tres fórmãs, canta de tres maneiras. O diamante é o seu hymno mais puro.

Não ha dois crystaes de neve que sejam identicos: em cada flóco de neve ha milhões de crystaes, milhões de estrophes silenciosas: nevar é agua a cantar.

A flôr é o encanto da raiz. As plantas cantam na primavera. Os campos em abril rezam os seus poemas.

O ether não ouve, não é amigo do som. O som nasceu muito depois do ether. Os gazes conduzem-no quatro vezes melhor e os corpos solidos doze vezes melhor. Por que? Porque o gaz é mais egoista do que o liquido mais egoista do que o solido.

Os metaes que não vibram, os metaes mudos, são os metaes molles, estanho, chumbo, mercurio, cujas molleculas têm entre si menos cohesão, menos amizade. Pelo contrario os metaes mais sonoros são

os metaes mais amorosos, os metaes mais rigidos, cujas molleculas se apertam e unem por um amor mais intimo. O estado mais amoroso num metal é o mais rigido, o estado crystallino. Por isso os metaes mas vibrantes e de melhor timbre são o ouro, a prata, por exemplo, isto é, os metaes que crystalizam naturalmente.

Um carro de madeira em achas vale meia libra. Um kilo de madeira num violino chega a pagar-se por muitos kilos de ouro. Um violino maravilhoso, um Stradivarius, é uma acção esplendida! E faz-o gemer e chorar divinamente é uma acção de bemaventurado. O que ha num violino? Madeira secca e tripas mortas. Com o cadaver do plátano e os intestinos do porco, crear uma voz que extazia os anjos! Uma bella harpa, suspirando, evangeliza. E' um sermão. O inventor do orgão deveria ser canonizado. O orgão é a voz profunda da cathedral

Toda a juventude e graça da na-

tureza, em manhãs de gloria cantam na voz da cotovia. Milagre da musica! Todo o deslumbramento do universo no candido gorgojo de um passarinho!

Os cegos têm um ouvido prodigioso, e adoram a musica. Os mendigos cegos pedem esmola, cantando. Accumulam no ouvido o poder amoroso que se reparte pelos olhos. Por isso cantam continuamente.

A canção é a flôr dos labios. As bocas dos civilizados bestias comem, devoram, mentem, blasphemam, escarnecem, mas não cantam. Os ricos geralmente, não cantam. Ouvem cantar á noite, para auxillar a digestão. O jornalista, rufando e ceifando, canta. O burguez, atarefado em negocios, calcula, questiona, grita, roga, pragas. Os banqueiros, que se nutrem de ouro, têm a alma de chumbo. Os mendigos cegos que vivem de esmolas, têm harpas no coração.

Os hymnos nacionaes. As marchas guerreiras. Os homens, cantando, caminham impavidos para a morte. A Marselheza é heroismo sonoro é victoria em musica.

Só o povo canta as canções que choram e fazem chorar, porque trabalha e soffre com resignação e amor.

O criminoso que canta, arrependido, vale mais que o juiz que lhe deu a sentença. O povo, mesmo nas cadeias, canta... Nos tribunaes inventava-se.

O povo é o maior poeta. O cancionero popular é uma biblia em musica.

Na casa onde se não canta, ber-se. O ouvido sem canções é um ouvido ás escuras.

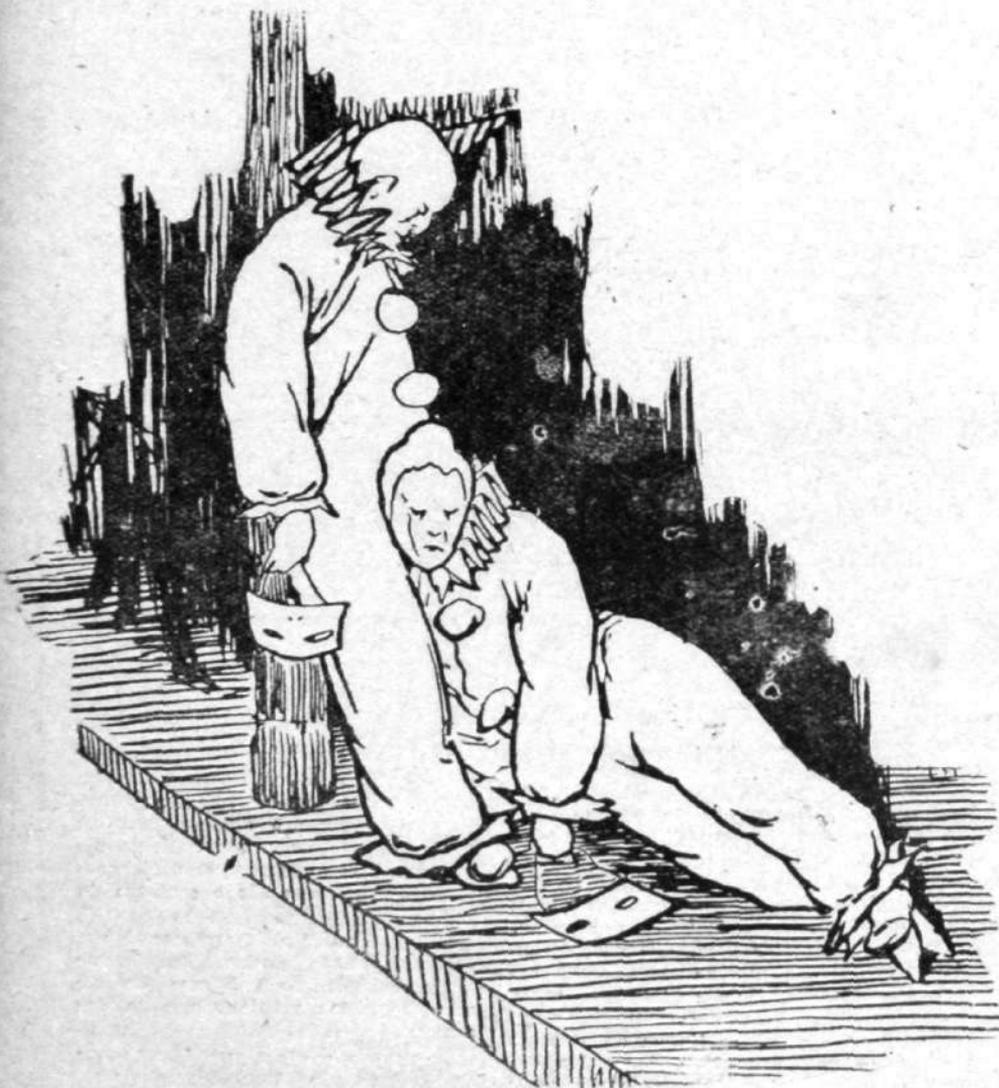
Certas estrophes sublimes, passando continuamente por certas bocas divinizam-nae. O beijo da bocca que canta é um beijo celeste que sabe a musica.

Grande parte da misantropia de Byron veiu-lhe de uma falta musical, de uma perna sem musica. Coxeava, isto é, caminhava no globo desharmonicamente, negando a musica. De ahí a tortura e o sofrimento para seu genio musical. Byron arrastou durante a vida, como grilheta de condemnado, uma perna manca, um verso côxo, a que faltavam syllabas.

Os berços sem canções são berços que não têm mãe. A creancinha que não fala só entende o que cantam, e que se lhe diz por musica.

Quem canta toda a vida, traduz a vida em harmonia, angeliza a vida. S. Francisco de Assis morreu a cantar.

Cantar é amar. O cantico religioso é a oração perfeita. A lingua dos anjos é a musica espiritual. A synthese do universo, o cantico absoluto, é o absoluto amor! E' Deus-



A reticencia da Alegria...

GUERRA  
JUNQUEIRO

Aquella minha triste amiga é uma das creaturas mais melancolicamente sympathicas que conheço. Talvez pareça absurdo o emprego desse adverbio; mas vale. Ella é triste como um sol de crepúsculo...

E como a idéa de tristeza suppõe a simplicidade das attitudes e o silencio, não preciso dizer que ella é modesta, dentro do luto das suas vestes. Quasi não fala; ri muito pouco; e só lança opiniões quando estas lhe são requeridas.

Não sei o motivo de tão symptomatica hypocondria. Ella tem umas grandes olheiras de mysterio. Talvez seja alguma historia perfumada de saudades... Algum romance vivido na distancia... Não sei.

Apenas justifico o caso com o proverbio latino que todos conhecem:

**Quo quis sapientior, eo taciturnior.**

Quanto mais calado, mais sabio.

Isto é tudo o que sei...

#### De Mim.

Ellas tem dito uma infinidade de coisas sobre mim.

Dizem que sou volúvel; que sou hypocrita; que sou galanteador; que sou ingrato; que sou orgulhoso... E "muchas cosas mas" que se fãa repetir aqui faria tarefa de maluco.

Mas talvez ellas não saibam que não sou tanto disso... Porque eu nunca as amei para poder ser volúvel, hypocrita, ingrato, etc. Sou galanteador e ás vezes orgulhoso. Isto sim! Sou galanteador quando as acho lindas, muito lindas! Sou orgulhoso quando ellas me querem torcer a cabeça...

Não tenho razão? De sobra...

Por isso estou pensando agora com Gomez Carillo, o sublime estylizador da Grecia antiga:

"Nem mortal, nem immortali. Um amor absurdo que morra hoje e reviva amanhã!"

Fijrt! Amor de ligeiros encontros, que não conhece a tristeza das saudades...

Este, o verdadeiro amor que devemos cultivar!

#### De Pascal.

Eu sempre li o que Pascal pensava do coração humano e não o comprehendia.

Estava com o coração cheio de um morbido amor, feito de paixão e de pieguice, de saudade e de tristeza. Por fim, libertei o espirito com o antidoto de outros amores... Encontrei na complexidade das mulheres a simplicidade de viver. E deixei de amar a mulher para seguir o conselho do escriptor colombiano: "Ama a las mujeres!"

Agora, aquelle meu coração que vivia cheio de um romantico amor, na obcecção de uma paixão violenta, com as pieguices da minha alma "snob", tem uma multiplicitade de amores... E eu encontrei a singularidade das emoções!

Mas, as emoções sublimes de que



vivem a minha alma e o meu coração cheios, não são sufficientes para os caprichos do meu espirito idealista.

Eu quero muito amor! Muito amor! E vejo que "o coração humano é um abysmo infinito e vazio aspirando a excher-se"...

#### Ellas.

Todas são sentimentalistas! Todas! E por isso todas são egoistas... E romanticas...

Masaryk, que dirige os destinos do paiz tchêque, falando de amor, disse: "O amor não deve ser o sentimentalismo, pois este é egoista".

E a conclusão que se tira é que nenhuma mulher ama. Porque se amassem não seriam egoistas...

O amor é sempre altruista, mesmo ante a barreira do amor proprio.

#### D. S. & A. S.

Viviam no platonismo das conveniencias.

Elle sempre na esquina. Ella sempre na janella.

Podia-se dizer com Margueritte: "Ils n'avaient échangé ni les paroles qui engagent, ni le baiser qui decide". Ou, segundo adeanta Maupassant, "le baiser qui consent"...

No carnaval encontraram-se. Tocaram-se as mãos...

Depois tocaram-se os braços e... miram-se os labios...

Deliraram na embriaguez do ether perfumado.

Passou o carnaval. Veiu a realidade da vida...

Elle não vive mais na esquina. Ella, porém, o espera toda noite na janella...



E elle diz que tudo foi um sonho que morreu no carnaval!!

A consecução sempre tira a poesia do ideal e a belleza do sonho.

E a esperança foge para se voltar com um ideal novo...

Porque as mulheres não comprehendem isso?

#### Do "C. A. E."

Umaz voltaram das ferias. Outras vieram pela primeira vez.

As primeiras vieram para a leucidade dos "zinhos" que ficaram... E as saudades voaram no encontro dos primeiros olhares plenos de anseios...

As segundas vieram para loucura de outros corações. Porque existe tambem a loucura do coração... E existe o abysmo do amor, como existe a vertigem das almas.

Como medico de almas eu aconselho aos jovens cujas cabeças ainda estão no lugar, esse proverbio latino:

"Nem hodie, nec heri, nec cras crede mulieri..."

Para depois não dizerem com Virgilio, na Ecloga:

"...et nos cedamus amori..."

E ás meninas que voltaram e que vieram lembro o seu destino:

"Illudir, chorar, teer..."

#### De Arlequim.

Elle passou, indifferente, por entre a multidão embriagada de prazer.

Ella vinha. Chamou-o:

"Que é do teu 'travesti', Arlequim?"

"Não uso, Colombina. Amo a realidade na fantasia da vida. Quem és tu? Deixa-me vêr os teus olhos! Tira a mascara!"

"Não! Deixarias de sonhar... E' preciso sonhar, para amar a fantasia na realidade da vida. Porque és indifferente?"

"Porque sou homem!"

"Abi..."

"Amã o real, Colombina! Mostra-me o teu rosto..."

"Dou-te os meus labios. Queres? Beijou-a. Beijaram-se."

Ella tirou a mascara. Deixou de ser Colombina...

Era cega dum olho e tinha a venta tortã...

Agora elle não dirá mais que ama a realidade na fantasia da vida...

Colombina vale mais do que a mácher.

#### CORRESPONDENCIA

Aos Leitores: — Por falta de espaço deixamos de publicar hoje a critica aos trabalhos enviados para publicação. Aguardem o proximo numero.

Lembrem-se que estamos ás ordens para qualquer consulta de amor ou de paixão. E a dieta não é muito rigorosa... Apenas, nos casos mais graves, o doente fica prohibido de beijar, de cumprimentar com a mão e (in extremis) de olhar...

## As victimas dos gelos

Tradução de Johannes Nemo.

Todos os annos, durante o inverno, entre a neve dos mares polares se vêem navios abandonados prisioneiros dos gelos. Vão á mercê dos ventos e das correntes, com os mastros rebentados e as cordas despedaçadas, de onde pendem massas de gelo que parecem prismas de crystal. A pópa e os camarotes estão sepultados sob a grossa capa de neve. Pelo menos assim o relatam as narrações dos esqui-maus.

Um vapor russo, de rodas, o "Polotofski", construído ha 70 annos, foi uma das ultimas unidades que se somou á frota fantástica prisioneira dos gelos polares. O navio foi descoberto durante a noite (sabe-se que ali, mesmo sendo "de noite", em certa época do anno, o sol continua brilhando no horizonte) por uns esquimaus que iam caçar elephantes marinhos. Pensavam alcançar o barco e subir a elle no dia seguinte; mas quando acordaram resultou que, havendo mudado o vento durante a noite, o navio foi arrastado para o Norte, perdendo-se de vista. O "Polotofski", segundo as narrações mais acreditaveis, foi surpreendido pelos gelos no dia de S. Miguel, em 1915, e desapareceu na primavera seguinte, arrastado por um furacão que o tirou fóra do Cabo Nome e o incorporou aos bancos de gelo movediços.

Desde que começaram as expedições pelos mares arcticos são muitas as naves ali desaparecidas. Em 1845 o "Erebus" e o "Terror", da marinha britannica, se fizeram á vela com 129 tripulantes para tentar a passagem do Nordeste. A ultima vez em que estes navios foram vistos foi na Bahía de Baffin. Mais de 20 naves, com um total de cerca de 2.000

homens e uma despesa de muitos milhões de mil réis, buscaram em vão, desde 1847 a 1853, noticias ou restos dos navios com suas tripulações. A sorte de todos permanece em mysterio.

Outra vez, no outomno de 1897, uma tormenta arrastou a oito navios balleiros que estavam presos no gelo. A maior parte dos tripulantes se salvou e chegou ao Cabo de Barrow, ou outros pontos da costa. Alguns, porém, não quizeram abandonar o seu navio e tambem foram levados, homens e barcos em seus campos de gelo, para as desertas regiões desconhecidas; não se soube mais delles.

Que teria acontecido com esses navios? Foram obrigados a permanecer presos nos gelos ou estão vagueando sobre os mesmos, de um lado para outro, naquellas desertas plagas?

Antes da applicação das hélices á navegação muitos foram os navios que tiveram de perecer por se chocarem com as ilhas fluctuantes de gelo, pelas tempestades ou pelo incendio. Um dos ultimos foi o "Cidade e Glasgow".

Em 1845 se deu á vela em Merzey, para Philadelphia, com 480 passageiros e nunca mais se soube delle. O capitão do "Westmorland", navio que havia precedido poucos dias o "Cidade de Glasgow" refere que, ao terceiro dia de navegação, se viu rodeado por bancos de gelo e ficou prisioneiro delles durante 30 horas. Segundo elle e outros capitães que se acharam em iguaes circumstancias, aquella massa de gelos, quasi compacta, extendia-se em uma direcção de 347 milhas, tendo blocos tão altos como collinas. A sorte do "Cidade de Glasgow" nunca se pode saber.

Em 1870 o "Cidade de Boston", vapor de passageiros, saiu de Liverpool sem regressar jamais. Alguns mezes depois foram encontrados fragmentos do navio que ainda tinham o seu nome. Porque pere-

ceu, quando nem onde, não se pôde saber.

Outro mysterio é o do "President" saído de Nova York, e que devia chegar a Liverpool em novembro de 1841. No Atlantico havia feito mau tempo e haviam des-cido do Norte inesperadas massas de gelos fluctuantes que chegaram a latitudes muito baixas. Durante mezes e mezes os armadores do navio percorreram as costas e logares onde pudesse ter chegado o navio, mas tudo foi inutil.

Todos esses perigos desapareceram hoje, mercê do maravilhoso invento de Marconi.

F. CORBETTA.

## Phrases ao iéo

Nos occasos nostálgicos, no rubro estertor de um sol que agoniza, sente-se que os olhos começam a se encher e pelas faces começam a correr, mansas, deslizando, as lagrimas de um pranto — Saudades que são de tempos que se foram, d'épocas que já se desprenderam de nossa vida, como as folhas amarelentas que, no Outomno, soltam-se das arvores e longe, vão cantar a symphonia sublime de uma Reminiscencia...

...E então, o sussurrar da brisa nos folhados, o soluçar do rio, a melodia de um passaro que canta, tudo tudo, traz á nossa memoria, faz reviver em nós, desabrochar, expandindo-se num perfume subtil, o lirio côr de neve da Saudade, a rosa de luar de uma Reminiscencia...

...E é por isso que eu amo os crepusculos que evocam, as tardes que recordam e um dia, assim espero, hei de morrer, quando morrer tambem o sol, além, na distancia infinita de um poente distante, no longe sem fim dum longinquo horizonte!

ANTONIO CRUZ.

# ULTIMA NOVIDADE

Agua de Colonia, Loções e Brilhantinas da

# FABRICA RIALTO

Está sendo introduzida no Commercio do Recife.

Artigo superior. Não tem rival. (Realmente é um facto). Só com uma experiencia poderá se provar, etc., etc.

# Pode um homem desaparecer?

(Continuação)

diante da porta e Digby, saltando delle dirigiu-se a nós.

Expuz-lhe os receios do inspector Frost e suppliquei-lhe que não entrasse naquella casa.

Como unica resposta, Digby tirou do bolso uma carta e entregou-me. A' luz do cab. li as seguintes palavras:

"Venha. Estou em perigo. Não me abandone — Muriel."

— Esta carta deve ser falsa! — exclamei. E' uma armadilha. Não commetta a loucura de affrontar inutilmente um perigo de morte.

— Loucura ou não — vou entrar.

Seus grandes olhos azues scintilavam de colera.

O inspector deteve-se ainda.

— Já que está decidido a entrar, diga-me ao menos quanto tempo pretende ficar ahí.

— Uma hora talvez. Imagino que até á meia noite poderei sair.

— Pois disse resolutamente o policial — se até a 1 hora não tiver saído, eu entrarei por minha vez com dez agentes. Digby guardou silencio por um instante, depois apertou-me energeticamente a mão e dirigiu-se para a porta.

O ruído sinistro — O criado negro veio abrir e elle entrou. Fiquei com o dr. Garland occulto num grupo de arbustos. Bateram 11 horas na igreja proxima. Depois ouvimos bater meia hora sem que coisa alguma tivesse occorrido. Mas, pouco depois, dr. Garland tocou-me num braço, murmurando: "Ouça". Prestei attenção e ouvi um ruído surdo... Eram como pancadas de um malho automatico, um desses gigantescos malhos electricos de força colossal. De onde viria esse ruído. Seria do Roseiral? Era difficil affirmar-o.

A' meia noite menos um quarto, a unica janella do primeiro andar, que ainda se mantinha accesa, extinguiu-se. Bateu meia noite sem que Digby apparecesse. Esperamos ainda uma hora em extrema angustia.

Quando o relógio bateu de novo, o inspector aproximou-se e tocou em meu hombro. Depois assobiou de leve para reunir os seus homens e caminhamos cautelosamente para a casa.

Frost apertou o botão electrico e esperamos, ouvindo a vibração estridente da campainha.

Ao fim de pouco tempo moveram os ferrolhos, a porta se entreabriu e o negro appareceu, perguntando:

— Que desejam?

— Falar com o senhor Morello e mme. Scaiffe, immediatamente, sou o senhor Frost, inspector da policia.

Houve uma breve troca de palavras lá dentro, mas logo a porta se abriu, as lampadas electricas brilharam e immediatamente vimos mme. Scaiffe. Estava com toilette de aparato e deteve-se diante de nós, calma e magestosa.

— Oh! — disse ella com voz perfeitamente tranquilla. E' o sr. Pleydell? Que significa sua visita a esta hora?

O inspector antecipouse á minha resposta:

— Sua attitude não nos intimida, minha senhora. Nós vimos procurar o sr. Oscar Digby. Elle entrou nesta casa ás dez horas e um quarto; desde este momento esta casa ficou cerrada absolutamente. Portanto elle ainda deve estar aqui.

Mme. Scaiffe recuou. Já não era a mesma mulher. Seu rosto tomara uma expressão dura, cheia de insolencia e desafio.

— E' a mim que cabe perguntar com que direito se introduziu em minha casa.

Sem uma palavra, o inspector apresentou-lhe um mandato, regularmente expedido pelo juiz...

Ella leu e desatou a rir. Depois disse:

— O sr. Digby não está aqui.

— Então — replicou o policial — tenho o prazer de declarar-lhe que ficarão presos até que elle appareça.

Os agentes precipitaram-se. Em um abrir e fechar de olhos, os donos da casa e todos os criados foram todos algemados e collocados sobre a guarda de um brigadeiro, de revolver em punho.

Quanto a miss Muriel fôra impossível encontrála.

Começamos porem a revistar a casa. Eu corri logo ás adegas, que tanto interessára mme. Scaiffe em sua primeira visita ao Roseiral. De-tive-me estupefacto á entrada. A aventureira falára-me em estabelecer ali um laboratorio, mas eu nunca imaginára uma installação com taes proporções. Havia aliapparelhos chimicos e electricos dos ultimos modelos e umas tantas machinas enormes, que eu não conhecia. Notei tambem um enorme tanque ligado a um apparelho para produzir ar liquido em grande quantidade.

Nessa busca minuciosa descobrimos afinal Miss Muriel fechada em um quarto do sótão. Parecia adormecida mas depois verificamos que se achava sob a accção de um narcotico. Quando conseguí despertála ella passou as mãos pelo rosto e balbuciou:

— Digby... Onde está Digby? Conseguiram salvá-lo?

— Não sei ainda — respondi. Estamos á sua procura.

— Eu estive fechada aqui todo o dia. Fizem-me respirar não sei que. Mas que aconteceram?

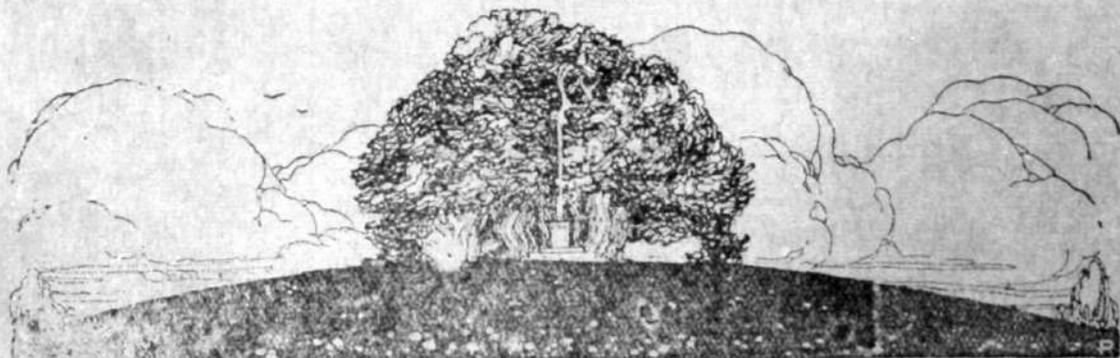
— Vou explicar-lhe. Digby entrou aqui ás 10 horas da noite...

— Ah! — exclamou Muriel com um grito dilacerante. Elle chegou a entrar aqui? Então está perdido. Nunca mais encontrarão...

E tombou sem sentidos.

Frost puxava o bigode nervosamente.

— De facto — disse elle. Não o encontramos. Elle não está nesta casa.



— Não é possível — protestou o dr. Garland. Elle entrou... não saiu... Portanto está aqui.

E retomou elle proprio a direcção das pesquisas que se prolongaram até o romper do dia.

Desanimado e exausto, eu me deixára cair sobre uma cadeira no vestibulo, quando de subito, ouvi uma gargalhada estridente, interminavel... Uma gargalhada, que me produziu um calafrio quasi doloroso. Corri para a escada mas, antes que a tivesse alcançado, a gargalhada estridou de novo, nervosa, metalica... Era o dr. Garland quem gargalhava assim, como um louco apontando para uma das enermes machinas.

— Que é?... Que tens? — perguntel-lhe attonito.

Garland não podia falar. Um riso convulsivo, que mais parecia um soluço sacudia-o todo. Por fim disse:

— Nunca... nunca mais encontraremos seu corpo. E não sei como se poderá fazer um inquerito sobre um cadáver que não existe. Que se perdeu no espaço... Não olhe para mim desse modo, Pleydell. Não estou louco. Olhe. Aquelle tanque estava chelo de ar liquido. Amarrado e amordaçado, Digby foi atrahido nelle e deve ter morrido instantaneamente.

— Mas o corpo?

— Ora! O ar liquido torna todos os corpos de uma dureza de pedra. Depois... Olhe.

Mostrava-me agora o malho electrico, enorme peça de aço, de força monstruosa.

— Uma vez solidificado assim, o corpo de nosso infeliz amigo foi reduzido a pó impalpavel, que esses poderosos ventiladores se encarregaram de espalhar pelo espaço. Os golpes surdos, que ouvimos, eram os do malho electrico destruindo o corpo de Digby... Que infernaes creaturas! Agora, como provar o crime? Como basear um inquerito sobre o nada? Como sustentar uma accusação de assassinato sem apresentar o corpo do assassinado?...

\*

Antes de deixar aquella casa sinistra, providenciei para que levassem a um hospital a pobre Muriel, que continuava desfallecida.

Durante cerca de dois annos não houve esperanças de vel-a recuperar a razão.

Depois, por um milagre da mocidade vimol-a curada, mas uma lacuna persistiu em sua memoria. Ella esquecera por completo Digby, a casa de Hampstead...

Toda a parte de sua existencia em que conheceu esse homem e essa casa é como se não tivesse existido.

tido. No mais, maciçocina nitidamente e goza perfeita saude.

Quanto aos dois hespanhoes, foram submettidos a julgamento, mas, como o dr. Garland previra, não houve meios de provar seu crime e, absolvidos, elles partiram da Inglaterra.

◆◆◆

## A tragedia muda da noite

Quando a noite desce, muda como um rochedo, silenciosa como as coisas inexistentes, eu sinto no meu coração uma sensação estranha... sensação que é mixta de dor e prazer. Tudo me fala á alma: o rio, a pedra, o charco, e as estrellas.

E eu vejo em tudo a minha expiação...

Saudade... tu és o aguçado dardo que me assassina.

O rio canta; o rumor de suas aguas, faz-me lembrar cousas ignotas.

O charco espelha a lua em toda a sua fria, munda e clara belleza... E ha quem diga que o vil é inteiramente vil.

Brilham estrellas sobre a minha cabeça; são olhos de mulheres que me fitam com desdem. Porque? Porque odeio-as amando... e amo-as quando sentindo a suprema caricia das formas do seu corpo...

Tenho vontade de escandalizar a humanidade!... Mas... as mulheres são tão banaes!... e eu tão realista!...

As mulheres... ah!... as mulheres, são espelhos onde revejo a minha alma.

Eu gosto muito das mulheres. Não dessas que andam pela rua como uma futilidade.

Dessas não. Mas da mulher triste, da mulher romantica, da mulher que velu ao mundo exclusivamente para ser mulher...

◆

Noite... Vejo a cidade em todo o esplendor de sua tragedia.

E' nessas horas povoadas de melancholias nocturnas, que' gosto de pensar na igualdade que o destino nos traz e na banalidade da mulher.

Todos são iguaes: não differem. A morte, sim; a morte, esta é que nos sabe forçar a esse reconhecimento.

Quem sabe?... aquelle noctivago que dali me olha com desdem, talvez amanhã...

Amanhã talvez, que eu não de-

sejo... nós nos encontremos, e elle me diga tristemente: —Meu amigo, a vida é nada; o rio, a pedra, o charco, e as estrellas me disseram... e eu não comprehendí: hoje creio. Tenho tantas saudades do mundo!... e tu?"

—“Do mundo não, eu tenho das mulheres...”

Recife, 3/2/1926.

DE SOUTO MAIOR.

◆◆◆

## Mariinha

A' amiga Dora Tobler.

Mariinha é caridoa,  
A sua alma é meiga e pura.  
Tem a fragrancia da rosa  
E o viço, esta creatura.

Fendo muito estudiosa  
Faz sempre a melhor figura,  
E é por isso que ella goza  
A mais sublime ventura.

Um dia, ao voltar da escola,  
Pediu-lhe uma aleijadinha,  
Para comer, uma esmola.

Ella deu tudo o que tinha,  
E ouviu da pobre velhinha:  
—Feliz quem dores consola.

Augusto Rodrigues Filho.  
(12 annos).



## I Grande Premio

conquistará todo aquelle que aproveitar nos dois mezes correntes as vantagens de descontos de 10, 15, 20 e 30 % offerecidos em todos os artigos

## d' A' EXPOSIÇÃO

Esses descontos são rigorosamente reaes e, por isso beneficiarão em geral

A todos os seus chentes



# A Deusa da Moda

Constitui-se pela escolha  
e selecção de seus artigos  
o estabelecimento mais  
procurado pelas familias  
▼▼▼ pernambucanas. ▼▼▼  
Os seus preços desafiam  
▼▼▼▼▼ confronto. ▼▼▼▼▼



Rua do Livramento, 98 e 102

# CHAPÉOS DE PALHA

Finos, distintos, parte da grande  
remessa destinada á

## CASA POLAR

que, devido á demora dos chrystaes para  
as vitrines a chegar de Londres, somente em  
Abril sera inaugurada.

**Expõe e vende a**

**“Casa Excelsior”**

**Preços novos**

**Livramento 53**

**Phone 2568**